



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEDU)
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

Driéle Luize Souza da Silva

**RELAÇÕES DE GÊNERO EM FOCO: COM A PALAVRA AS ALUNAS E OS
ALUNOS DO QUARTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Jaguarão
2018**

DRIÉLE LUIZE SOUZA DA SILVA

**RELAÇÕES DE GÊNERO EM FOCO: COM A PALAVRA AS ALUNAS E OS
ALUNOS DO QUARTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Relatório Crítico-Reflexivo apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal do Pampa, como requisito
parcial e obrigatório para a obtenção do título
de Mestre em Educação.**

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Juliana Brandão
Machado**

**Jaguarão
2018**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S586r Silva, Driéle Luize Souza da
Relações de Gênero em foco: com a palavra as alunas e os
alunos do quarto ano do Ensino Fundamental / Driéle Luize
Souza da Silva.
84 p.

Dissertação(Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa,
MESTRADO EM EDUCAÇÃO, 2018.

"Orientação: Juliana Brandão Machado".

1. Relações de Gênero. 2. Conceito . 3. Educação. 4.
Prática pedagógica. 5. Pesquisa- intervenção. I. Título.

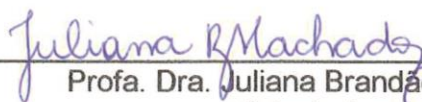
DRIÉLE LUIZE SOUZA DA SILVA

**RELAÇÕES DE GÊNERO EM FOCO: COM A PALAVRA AS ALUNAS E OS
ALUNOS DO QUARTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Relatório Crítico-Reflexivo apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial e obrigatório para a obtenção
do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Juliana Brandão
Machado

Banca examinadora:



Prof. Dra. Juliana Brandão Machado
Orientadora
Unipampa



P/ Prof. Dra. Maiane Liana Hatschbach Ourique
(UFPel)



Prof. Dra. Marta Cristina Cezar Pozzobon
(UNIPAMPA)



P/ Prof. Dra. Fabiane Ferreira da Silva
(UNIPAMPA)

DEDICATÓRIA

Dedico a minha avó Clair Maria Gomes Souza, que hoje não está mais aqui comigo, mas plantou essa semente de “querer fazer Mestrado”, para ter um futuro melhor.

Agradecimentos

Minha eterna gratidão a Deus ao ver meu nome na lista dos aprovados no Mestrado Profissional em Educação, e como forma de agradecimento prometi em oração, me dedicar e chegar até o fim.

Agradeço imensamente ao meu pai, “meu lindo”: Gilnei Lemos da Silva, por sempre estar presente na minha vida, por me passar segurança, me acalmar e me fazer acreditar que eu sou capaz de ir longe.

Agradeço as minhas “mães” Carla e Heloisa, por sempre tentar cuidar de mim, entendendo minha ausência e acreditando no meu potencial.

A minha orientadora Juliana Brandão Machado, agradeço pela sua generosidade em compartilhar comigo saberes e inquietações. Obrigada por acreditar que tudo daria certo e ter paciência ao me orientar. Sou grata por ter me acolhido de braços abertos e assim tive a oportunidade de ser orientada por professora responsável, humana e sobretudo extremamente competente. MUITO OBRIGADA, de coração.

Agradeço as novas amigas que o mestrado proporcionou, especialmente a Juliana Brochado por me acompanhar, me apoiar, me xingar quando foi preciso, mas acima de tudo esteve sempre comigo, acolhendo meus desabafos com carinho. Muito obrigada.

Agradeço aos meus amigos e familiares que entenderam a minha ausência e me deram força a cada etapa dessa caminhada.

Agradeço as escolas que me incentivaram e me apoiaram, possibilitando que eu conseguisse cumprir toda a carga exigida no mestrado.

Ao meu amor Samuel Rosa por estar presente na minha vida, na realização do meu sonho, me dando apoio e passando tranquilidade. Muito obrigada.

A minha companheira de todas as horas, todas madrugadas, todos momentos de alegria e ansiedade, minha leopardo, minha gata/filha “Fifi”.

A minha turma do 4º ano b, de 2017, no desenvolvi a minha pesquisa-intervenção com muito carinho, meu muito obrigada.

Iniciei os agradecimentos mencionando Deus e com Ele encerro, porque acredito que gratidão é cíclica, quanto mais se agradece, mais se recebe, então:

pela vida, pela família, pelos amigos, pelos encontros e desencontros, pelas conquistas e perdas, sou sempre muito grata. E por encerrar esta etapa da minha vida, obrigada a todos os cúmplices. Obrigada Deus.

RESUMO

Este Relatório Crítico-Reflexivo é o resultado da pesquisa que teve como objetivo problematizar as relações de gênero a partir das falas das alunas e dos alunos, na perspectiva de compreender o que dizem/pensam sobre a temática. Esse objetivo se construiu a partir da fala das alunas e alunos do quarto ano do ensino fundamental da escola Carlos Peixoto Primo na cidade de Rio Grande, que apresentavam situações através da fala, que precisavam ser problematizadas. Inicialmente, apresenta-se a “Trajetória da Pesquisa”, logo após os capítulos de revisão: “A constituição do conceito de gênero” que possibilita um panorama de algumas ações que constrói o conceito de gênero; “Gênero e Educação” que aborda os entrelaçamentos existentes nessas temáticas; Posteriormente, o “Procedimento Metodológico”, que levou em consideração a abordagem da pesquisa intervencionista do tipo pedagógica, descrevendo a intervenção a partir de diferentes atividades, explicitando seu embasamento teórico e apresentando os instrumentos da coleta de dados, que foram a observação e análise documental. Os sujeitos desta intervenção, foram as/os alunas/os que cursaram o quarto ano do Ensino Fundamental no ano de 2017 na escola municipal Pedro Carlos Peixoto Primo. O procedimento de análise textual discursiva utilizado para análise de dados desta pesquisa resultou nas seguintes categorias: “Binarismos de gênero e as suas repercussões para a educação que trata principalmente do modo de ser menino e menina; “É possível discutir gênero na sala de aula? Tecendo algumas possibilidades na prática pedagógica” que contempla as diferentes atividades que foram desenvolvidas possibilitando a abordagem da temática. Os resultados mostraram que com a intervenção as crianças passaram a problematizar as questões de gênero em suas próprias falas como também as das outras crianças, porém ainda percebe-se que muitos padrões que são impostos pela sociedade se fazem presente nas falas e seus comportamentos.

Palavras-chave: Fala das alunas e alunos; Relações de Gênero; Pesquisa-intervenção.

ABSTRACT

This Critical-Reflective Report is the result of the research that had as objective to problematize the gender relations from the speeches of the students and students, with a view to understanding what they say / think about the subject. This objective was built from the speech of the students and students of the fourth year of elementary school at the Carlos Peixoto Primo school in the city of Rio Grande, who presented situations through speech that needed to be problematized. Initially, the "Research Trajectory" is presented, after the revision chapters: "The constitution of the concept of gender", which allows a panorama of some actions that builds the concept of gender; "Gender and Education" that addresses the intertwining existing in these issues; Subsequently, the "Methodological Procedure", which took into account the approach of interventionist research of the pedagogical type, describing the intervention from different activities, explaining its theoretical basis and presenting the instruments of data collection, which were observation and documentary analysis . The subjects of this intervention were the pupils who attended the fourth year of elementary school in the year 2017 at the municipal school Pedro Carlos Peixoto Primo. The procedure of discursive textual analysis used for data analysis of this research resulted in the following categories: "Gender binarisms and their repercussions for education that deals mainly with the way of being a boy and a girl; "Is it possible to discuss gender in the classroom? Weaving some possibilities in pedagogical practice "that contemplates the different activities that were developed allowing the approach of the theme. The results showed that with the intervention, children began to question gender issues in their own speeches as well as those of other children, but it is still seen that many patterns that are imposed by society are present in the speeches and their behaviors.

Keywords: Speaks of students and students; Gender Relationships; Intervention research.

Sumário

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 TRAJETÓRIA DA PESQUISA..... | 12 |
| 3 TECENDO A PERSPECTIVA TEÓRICA | 15 |
| 3.1 GÊNERO: TRAÇANDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS | 16 |
| 3.2 Gênero e Educação | 21 |
| 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS..... | 26 |
| 4.1 Engendrando os caminhos | 26 |
| 4.2 Investigando os espaços: em busca de caminhos para a intervenção..... | 28 |
| 4.2.1 A definição de quem participou: os sujeitos da intervenção | 29 |
| 4.2.2 Conhecendo um pouco do ambiente delimitado: situando o campo empírico | 29 |
| 4.2.3 Desviando o caminho: expectativa x realidade | 30 |
| 4.3 Trilhando novos caminhos: a intervenção pedagógica..... | 33 |
| 4.4 Conduzindo aos resultados: a avaliação da intervenção | 51 |
| 5 CONSIDERANDO OS DADOS: A ANÁLISE DA INTERVENÇÃO | 52 |
| 5.1 Binarismos de gênero e as suas repercussões para a educação | 53 |
| 5.2 É possível discutir gênero na sala de aula? Tecendo algumas possibilidades de abordagem | 63 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 70 |
| REFERÊNCIAS..... | 73 |
| APÊNDICES | 79 |

1 INTRODUÇÃO

Um dos maiores desafios da escola é garantir o respeito pelas diferenças sociais, culturais e individuais. Santos & Paulino (2006, p. 11) postulam que: “Nos dias de hoje as desigualdades sociais e o desrespeito às diferenças são banalizados em nosso cotidiano, e a escola, sem dúvida, reflete e reproduz estas relações”.

Pensando no que apontam os autores, o presente estudo tem como finalidade problematizar as relações de gênero a partir das falas dos alunos, procurando compreender se os recursos utilizados possibilitarão outra forma de entendimento sobre a temática. Para uma melhor compreensão, a definição que orienta esse estudo assume que:

O termo "gênero" torna-se, antes, uma maneira de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de idéias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (SCOTT 1990, p.75).

A motivação por esta temática surgiu ao conhecer a turma de quarto ano, que trabalharia no período de 2017 e com o contato diário fui percebendo que algumas situações me deixavam bastante intrigada, muitas falas e atitudes eram carregadas de preconceito, discriminação e desrespeito. Conversei com colegas, que também percebem a mesma demanda, pois essa situação ganhava mais visibilidade na escola neste ano, e conseqüentemente percebemos a necessidade de trabalhar sobre as relações de gênero neste espaço.

Esta situação que se instalava na escola motivou-me a desenvolver a pesquisa a partir de dois fatores: um deles é a minha formação profissional como pedagoga e psicóloga, quando no decorrer destes cursos, desenvolvi alguns projetos referente às relações de gênero desde os anos iniciais até o ensino médio, como também com idosos e pessoas com câncer na Associação de Apoio a Pessoas com Câncer (AAPECAN), usando diferentes recursos como: dinâmicas, filmes, jogos e músicas, por acreditar que estes são aliados para transformar uma situação. O outro fator corresponde à atuação como docente dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola da cidade de Rio Grande, situada no bairro

Querência, desejando qualificar minha prática pedagógica e continuar trabalhando com crianças. A possibilidade de cursar o Mestrado Profissional, que se volta para análise de intervenção no campo de trabalho, me propicia uma reflexão sobre o desenvolvimento da minha sala de aula.

Justifica-se este estudo por dois motivos principais: o primeiro foi perceber nas falas dos alunos uma problemática que podia ser melhor explorada, como por exemplo, “isso é coisa de menino”, “isso é coisa de bichinha”, “mulher não faz isso”, “aquela menina tá rodada já, todo mundo fica com ela”, “as meninas pedem pra tomar tapas, quando vem com short curto”, “homem não chora”, “quando crescer quero ter uma família legal, eu vou trabalhar e minha mulher vai ficar cuidando da casa, pois isso é coisa de mulher né professora”, “meu pai não faz nada em casa só eu e minha mãe”.

Já o segundo motivo provém do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, que tem como missão:

Possibilitar uma ação educativa que contribua para a formação de um indivíduo autônomo capaz de organizar-se coletivamente, buscando alternativas para a construção de uma sociedade mais responsável, capaz de respeitar as diferenças étnicas, de classes, de gênero e religiosas que constituem os indivíduos e enriquecem as relações. Assim, a escola pretende atuar como um agente integrador da comunidade, despertando no aluno suas potencialidades e o espírito de sociabilidade e responsabilidade, a fim de prepará-lo para exercer sua cidadania, através da tomada de decisões conscientes, críticas e preservadoras do meio em que vive (PPP 2015, p.20 e 21).

Essa missão vem ao encontro da minha pesquisa e ao mesmo tempo que posso amenizar minhas angústias na sala de aula, também estou contribuindo para o cumprimento da missão da escola.

Após apresentar objetivo, motivação e justificativas que compuseram a minha pesquisa-intervenção, descrevo as subseqüentes partes deste relatório. A primeira, intitulada “Trajetória Profissional”, em que descrevo os caminhos que percorri até chegar ao mestrado e de como as relações de gênero sempre estiveram presentes na minha vida, posteriormente a Perspectiva Teórica, que está subdividida na seguinte configuração: “A Constituição do Conceito de Gênero”, em seguida “Gênero e Educação”. Por fim, apresento o “Caminho Metodológico”, os “Resultados da Pesquisa-Intervenção” e as “Considerações finais”.

2 TRAJETÓRIA DA PESQUISA

É contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios, uma identidade no tempo (LARROSA, 2002, p.69).

Embasada nas palavras de Jorge Larrosa, comecei a escrita deste Relatório Crítico-Reflexivo, percebendo a necessidade de contar algumas experiências que foram me constituindo enquanto professora dos anos iniciais e mestranda do curso de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Pampa. É curioso perceber o quanto nossas ações são carregadas de significados, não havendo a possibilidade de neutralidade na construção nas coisas que pensamos, dizemos e fazemos. Dessa forma, ao narrar os caminhos percorridos na trajetória da pesquisa, os acontecimentos, as imagens e as ideias vão surgindo e compondo uma figura construída como que a partir de um quebra-cabeça, em que as peças vão sendo encaixadas e articuladas uma a uma, tornando visível e compreensível o tempo que compõe a minha história.

Ao longo de minha caminhada, tanto como aluna, quanto como educadora, foi constante a busca por novos conhecimentos e pela melhoria do meu fazer pedagógico. Presumo que o ato de ensinar sempre se fez presente em minha vida através do “brincar de coleginho”, pelo exemplo da família que é composta por vários professores e conseqüentemente por estar sempre envolvida no ambiente escolar, já que eu morava com minha avó e ela era a vice-diretora de uma escola.

Em 2004 ingressei no Curso Normal no Instituto Estadual de Educação Juvenal Miller na cidade de Rio Grande, o qual me proporcionou novos saberes e experiências. Lembro-me que tinha uma carga/horária a ser cumprida dentro de diferentes setores da escola, porém depois de completadas as horas, eu gostava de pesquisar coisas diferentes para trabalhar com os alunos. Embora fossem importantes todos os setores da escola, era o momento que eu estava com os alunos (as) que demonstrava maior afinidade e entusiasmo que me faziam sonhar como seriam minhas aulas quando eu fosse professora regente da turma.

Assim, em 2007 ingressei como aluna no curso de Pedagogia¹, e fui percebendo ter feito a escolha certa, já que tive a oportunidade de estudar teorias, ler autores, discutir avaliação, diferentes metodologias de ensino, conhecer técnicas inovadoras que vieram a acrescentar no conhecimento que já havia sido adquirido durante o Curso Normal.

No decorrer desse trajeto entre Curso Normal e Pedagogia me inquietavam algumas situações que hoje sei que fazem parte dos estudos sobre gênero, tais como: fila separada dos meninos e das meninas; as meninas sentam na frente, pois são mais quietas e os meninos no fundo porque “não querem saber de estudar”; “as meninas tem que gostar de rosa e meninos de azul”; as meninas brincam de “comidinha” e os meninos de carrinho; quem não se enquadrava nesses padrões era chamado de “bichinha” ou “machorra”. Entendo que meu interesse pelas relações de gênero deu-se a partir de vivências que se mostraram significativas em minha trajetória pessoal e profissional. Desse modo, a escrita deste relatório crítico-reflexivo conduziu-me a uma série de reflexões a respeito da minha construção enquanto professora.

No ano de 2010 ingressei para o curso de Psicologia², pois sentia a necessidade de estudar mais sobre o comportamento humano e suas relações sociais. Nesse curso tive a oportunidade de mais uma vez estar na sala de aula em um estágio de Psicologia Escolar, no qual foi desenvolvido um projeto com duas turmas do 3º ano do Ensino Médio. Lembro-me que os alunos eram bastante participativos, gostavam de se posicionar, contribuindo para um melhor desenvolvimento do estágio, porém percebi diferentes situações relacionadas às questões de gênero que precisavam ser exploradas.

No ano de 2011 prestei concurso para Professor dos Anos Iniciais do Município do Rio Grande, quando aprovada ficava imaginando minha sala de aula e o que eu faria diferente para que minha turma gostasse da escola. Porém essa inquietude ficou guardada, pois demorou alguns anos para ser nomeada e pôr em prática tudo que eu havia idealizado. Enquanto isso trabalhei no Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Corrêa Junior (HU - FURG), em que percebia diferentes

¹ Curso de Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil; Trabalho de Conclusão de Curso apresentado: (Re) pensando o papel da formação continuada no horizonte do educador: breves avaliações, no ano de 2010.

² Curso de Psicologia pela Faculdade Anhanguera Educacional; trabalho de Conclusão de Curso, apresentado: Violência Infantojuvenil: o perfil da vítima, no ano de 2015.

situações que me deixavam um tanto incomodada, tais como: o médico sentir-se superior à médica ou à enfermeira. Cada setor tinha um nível de importância e a dos médicos era maior, não havia uma parceria, parecia uma competição que envolvia muito estresse, desrespeito, preconceito, tanto entre os profissionais, como também entre profissionais e pacientes, o que tornava um ambiente sem harmonia. E eu como secretária, quase não tinha voz nem vez, os médicos não valorizavam meu trabalho e quando ficava brava e reclamava, pois dependia de outros profissionais para dar andamento no meu serviço, escutava coisas do tipo, “Já sei por que esta brava, toda mulher tem isso!”. Essas e muitas outras situações por vezes me faziam refletir sobre meu papel dentro das profissões que escolhi exercer.

Finalmente em fevereiro de 2013 fui nomeada na rede municipal de educação de Rio Grande, começando a trabalhar na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Carlos Peixoto Primo, atuando como professora dos anos iniciais, na qual trabalho até o momento. Ao longo do contato com as crianças percebi o quanto as relações de gênero estavam presentes no cotidiano, observadas através das brincadeiras, na linguagem, no relato de experiência, no comportamento em geral envolvendo atitudes preconceituosas, discriminação entre outras coisas. Em alguns momentos, dentro e fora da sala de aula, parava o que estava fazendo para questionar essas atitudes, problematizando diferentes situações, que pudessem levar os alunos a refletirem sobre o que tinha acontecido. Isso me aflorava um sentimento de responsabilidade para com a educação dos alunos como um todo.

Todas essas inquietudes e constatações me impulsionaram a desenvolver uma pesquisa para o Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia em que a minha maior preocupação era de como as crianças ou adolescentes que sofreram esse tipo de violência se comportavam. Como era a relação delas com os outros colegas na sala de aula? Como o professor percebe em sala de aula, se uma criança que sofreu abuso? Quem sofreu mais violência, o menino ou a menina? Quem foi abusado, se torna um abusador? Qual o maior índice de gênero em relação ao abusador? Essa pesquisa também me levou a buscar novos conhecimentos e alternativas para a superação dos problemas enfrentados, bem como a criação de condições para abordar na escola, temas relativos as relações de gênero e seus entrelaçamentos.

Nesse mesmo ano de conclusão do curso de Psicologia, conheci também a realidade da Escola Municipal João de Oliveira Martins. Antes mesmo de chegar até a escola ouvi relatos de professoras que não gostavam do clima da escola por parte dos alunos, pois usavam as diferentes formas de violência para resolver seus conflitos dentro e fora da sala de aula. Então quando cheguei, pensei em seguir os conselhos de alguns professores, que era sair da escola, mas o tempo foi passando e eu me adaptando a realidade e me questionando o que poderia fazer para auxiliar na tomada de consciência dos alunos para que estes conseguissem ter uma boa convivência e melhorar suas relações dentro e fora da escola? Percebi também o quanto eles gostavam de narrar suas experiências, e que muitos nomeavam suas “loucuras” e eu sempre me mostrei disposta a ouvi-los.

Assim, refletindo sobre a minha caminhada no Mestrado e das vezes que pensei e tentei estudar outras temáticas, esquecendo das minhas inquietações entrelaçadas às questões de gênero, me deparei com a realidade da turma do quarto ano do ensino fundamental, apresentando a necessidade de problematizar este tema. Dessa forma, como um encanto, estreito o trajeto que deixava separada o que eu gosto de estudar do que eu faço. Porém para isso precisei me apropriar mais do assunto, tecendo a seguir a perspectiva teórica, não esquecendo que esta temática exige uma constante atualização pela sua abrangência em diversos aspectos que envolvem a humanidade.

3 TECENDO A PERSPECTIVA TEÓRICA

No presente capítulo, abordei o referencial teórico que utilizei para respaldar a minha pesquisa-intervenção. O capítulo se inicia com “Gênero: traçando algumas considerações conceituais”, cujo objetivo é tecer um panorama da construção do conceito de gênero que está entrelaçado em nossa sociedade, porém é recente sua visibilidade. Em seguida apresento a seção “Gênero e Educação”, baseando-me na ideia de que as relações de gênero fazem parte do cotidiano escolar e são relações desiguais e marcadas pela diferença, precisando construir relações de gênero igualitárias.

3.1 Gênero: traçando algumas considerações conceituais

Somos educados para viver em uma sociedade que se constrói de forma distinta conforme o sexo, e isso pode ser visto desde a escolha do nome às atividades de lazer, reproduzindo-se continuamente, ou seja, se for menina atribui-se tudo a cor rosa envolvendo comidinha, “mamãe e filhinha” ou princesa a espera de um príncipe dentro de casa. Já se for menino é na rua com carros, jogos de luta ou sendo super-heróis e vestindo azul. Sustento essa ideia ancorada em Ribeiro e Soares (2007, p. 27), que postulam que as estereotípias de gênero estão compostas nos discursos: “meninos são fortes, jogam bola, usam roupa azul. Meninas são carinhosas, brincam de casinha, de boneca, usam roupa rosa, por exemplo,”. À medida que vamos crescendo, vamos nos construindo socialmente e aprendendo modos de ser e como se comportar como menino ou menina de acordo com os códigos de gênero que nos são “naturalmente” passados.

Ao delimitar o meu campo de estudo nesta pesquisa-intervenção, percebi a necessidade de me apropriar mais sobre o tema, me aprofundando nas teorias. Dessa forma busquei suporte através das autoras como Joan Scott, Judith Butler, Miriam Grossi, Guacira Louro dentre outras. Dialogar com essas autoras me permitiu compreender as relações de gênero como uma construção política, histórica, social e cultural abrindo um leque de entendimento que não se restringe somente ao biológico, o que me possibilitou refletir sobre a importância de abordar as relações de gênero na escola partindo dessa compreensão. Nesse sentido, escrevi neste capítulo um panorama geral da constituição do conceito de gênero.

Nas últimas décadas é possível perceber algumas pessoas dizendo: “Mas isso é questão de gênero!”, “O gênero e a política”, “O gênero no trabalho”, “o gênero feminino ou masculino”, mas enfim, que gênero é esse que está envolvendo a fala das pessoas, o que elas (es) querem dizer com isso?

Na língua portuguesa a palavra ‘gênero’ apresenta inúmeros sentidos dependendo do campo do conhecimento em cujo discurso se insere. Entretanto, em termos gerais, gênero significa o conjunto de seres ou objetos que possuem mesma origem ou que se acham ligados pela similitude de uma ou mais particularidades. Em biologia, o termo se refere à categoria taxonômica que agrupa espécies relacionadas filogeneticamente, distinguíveis das outras por características marcantes que permitem assim a subdivisão das famílias. Na gramática, gênero se refere a classes de palavras que permitem estabelecer o contraste entre masculino e feminino, nem sempre referido a diferenças de sexo (BARATA, 2009, p. 73)

No entanto a citação acima conceitua gênero de uma forma geral, não ancorada em estudos feministas, por esse motivo aqui se fez necessária a exposição do conceito a partir desses estudos, fazendo um vínculo com a verbete da minha pesquisa. Segundo Tedeschi (2013, p.317):

O uso da palavra “gênero” tem sua história oriunda dos movimentos sociais de contestação a partir de grupos organizados de mulheres, feministas, sindicalistas etc. Sua trajetória que acompanha a luta por direitos civis e direitos humanos, enfim, acompanha a luta por igualdade e respeito.

Refletindo sobre a citação que conceitua o termo, penso que o gênero não se restringe a um único conceito, entendendo que é mais que uma dualidade entre os sexos, concordando com as palavras de Scott (1989, p.2): “os que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as ideias e as coisas que elas significam, têm uma história”.

Para um melhorar o entendimento da importância da temática, se fez também necessário explicar como foram construídas as questões de gênero. Segundo Roiz (2011), mesmo que se possam considerar os avanços das últimas décadas, a história do gênero ainda está em construção, porém é percebido que houve um visível crescimento desse tema em pouco tempo, mas a consolidação desse campo de estudo ainda é muito recente.

Primeiramente, se faz necessário expor que o conceito de gênero era empregado de maneira desacertada, e Scott (1989, p.2) apresenta:

Mary Wortley Montagu acrescentava a ironia à sua denúncia do “belo sexo” (“meu único consolo em pertencer a este gênero é ter a certeza de que nunca vou me casar com uma delas”) fazendo uso, deliberadamente errado, da referência gramatical. [...] “Não se sabe qual é seu gênero, se é macho ou fêmea, fala-se de um homem muito retraído, cujos sentimentos são desconhecidos”. [...] “Atena não tinha nada do sexo, a não ser gênero, nada de mulher a não ser forma.

Scott (1989) consolida que ao longo dos séculos, as pessoas utilizavam de forma alusiva os termos gramaticais para nomear traços de caráter ou sexuais, um exemplo disso foi em 1876 no Dicionário de Língua Francesa que não designava o gênero, se era macho ou fêmea, fala-se de um homem bastante introvertido com

sentimentos que até então não se conhecia ou se encaixava nos padrões já estabelecidos.

Percebi que a definição da palavra gênero, feita pelos franceses, ainda não ficava clara e não saía do viés da biologia, talvez houvesse somente uma troca de palavras, mas a abrangência do significado ainda não era percebida. Acredito que isso ainda esteja ancorado no binarismo que faz a distinção dos sexos.

As feministas americanas reconheceram o termo gênero no seu sentido literal, como uma forma de relacionar a organização social com a relação entre os sexos. A palavra apontava renúncia ao designo biológico que estava implícito no que diz respeito ao sexo ou diferença sexual. Meyer (2003, p. 25) salienta que ao ponderar sobre gênero, deve-se “pensar que há muitas formas de sermos mulheres e homens, ao longo do tempo, ou no mesmo tempo histórico, nos diferentes grupos e segmentos sociais”. Em vista disso, é um entendimento que procura salientar a composição relacional e social das distinções entre os sexos, dissolvendo o determinismo biológico que aparece em algumas teorias.

Grossi (2000) aponta que no Brasil a palavra gênero ou relações de gênero como campo de estudo, surgiu na década de 1970 e 1980, entrelaçado com o descontentamento da condição feminina que até o momento não tinha visibilidade, apresentando-se também como consequência dos movimentos sociais de 1968 que lutavam por uma vida melhor, mais justa e igualitária. No entanto, as mulheres participantes perceberam que apesar de lutar igualmente com os homens, tinham um papel secundário e raramente assumiam uma liderança (Grossi, 1998).

Segundo Birman (2002), até o século XVIII o homem desempenhava um papel dominador e perfeito. Concomitante com a Revolução Francesa, surgiu como referência biológica o masculino superiorizado. Nessa visão homens e mulheres eram diferenciados e alocados em espaços distintos assim como o papel que desempenhavam socialmente era padronizado conforme a relação que estabeleciam entre si.

De acordo com Louro (1996), o conceito de gênero começou a ter visibilidade na década de 1980, articulando seu campo teórico com os estudos sobre a mulher, um tema que sofreu bastante resistência na universidade. Concomitante a isso, se fez necessário reorganizar o termo e dilatar o arquétipo tradicional existente. Segundo Scott (1989, p.7):

O gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para as várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior.

Embora este estudo já tenha conseguido um grande avanço, ainda há resistência ao que diz respeito às relações de gênero. Nos séculos XIX e XX, a condição de desigualdade das mulheres e outros grupos ficaram em evidência, a partir da ideia de “igualdade de direitos”. Com todo esse movimento surge o conceito de gênero que aborda diferença e semelhança entre homens e mulheres a partir das construções sociais (Teixeira, 2010, p. 38). O conceito de gênero aponta os aspectos culturais como agente das diferenças entre os sexos, negando a origem biológica (Scott, 1990). Com isso:

Muda-se, radicalmente, o entendimento sobre comportamentos de homens e mulheres. Para além disso, tal visão criou a distância necessária entre os conceitos de sexo e gênero, humanizando aqueles que não se “encaixavam” propriamente ou “apropriadamente” nesses dois universos (masculino e feminino) tão rígidos (TEIXEIRA, 2010, p. 38).

A partir disso começa um novo viés no campo de estudo das relações de gênero. Se antes a diferença entre feminino e masculino era vista como algo pertencente só à biologia, passou pela fase de transformação ganhando mais entendimento sobre o seu conteúdo. Porém atualmente as relações de gênero em algum momento ainda se resumem em ser homem e ser mulher, pois essa questão está imbricada na sociedade e será uma luta contínua para ser modificada.

Butler (2012), faz uma crítica à construção histórica do gênero e à teoria feminista que construía uma identidade feminina, excluindo as mulheres que não se encaixariam nesse padrão e do quanto isso foi se naturalizando. Para a autora a história do gênero se construiu partindo de uma sociedade que mantém uma ordem compulsória que exige coerência, ou seja, quando a criança está na barriga da mãe, se tiver vagina, é menina e será condicionada a gostar de menino. Ainda segundo Butler (2012), o conceito de gênero construído estaria produzindo uma falsa noção de estabilidade, em que a heterossexualidade seria percebida como um padrão para sociedade, assegurando dois sexos, fixos e binários, macho e fêmea, excluindo quem não se identificasse como tal.

Para Scott (1992, p.14) o gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. Essas diferenças se organizam em uma linguagem culturalmente acessível com manifestações simbólicas e mitos. Conforme a autora, o gênero deve ser entendido como parte integrante da identidade dos sujeitos, tornando sua compreensão mais ampla e concordando com as ideias de Louro (1995, p.103), que diz que esse entendimento mais amplo:

exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminilizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); [...] é mais do que uma identidade apreendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais.

Nesse mesmo viés de construção mais ampla do gênero, ancoro-me na ideia de Butler (2012), que compreende que o gênero se constrói culturalmente não resultado do sexo e nem fixado a ele, sendo mutável, ou seja, uma pessoa com um corpo nomeado feminino não necessariamente perceber-se-á como mulher, da mesma forma pode acontecer com o corpo masculino, distanciando-se do fator biologicista.

Ancorada nesses entendimentos, percebi que seria difícil uma única definição sobre gênero, pois este não se limita a um viés, ele vai além do que podemos definir, mas podemos entender que: “gênero é algo que ‘fazemos’ e não algo que ‘somos’ naturalmente, mas sim, uma estrutura imaginada pelos desejos-condicionados” (BUTLER, 1999, p.65, grifos da autora). Ainda segundo a autora, “o gênero não deve ser meramente concebido como uma inscrição cultural de significado num sexo previamente dado [...] tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos” (BUTLER, 2003, p. 25).

Conforme Matos (1997), falar sobre gênero é dizer que os perfis masculinos e femininos se determinam um à visão do outro.

[...] perfis se constituem social, cultural e historicamente num tempo, espaço e cultura determinados. Não se deve esquecer, ainda, que as relações de gênero são um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças hierárquicas que distinguem os sexos e são, portanto, uma forma

primária de relações significantes de poder. Sendo uma de suas preocupações evitarem as oposições binárias fixas e naturalizadas, os estudos de gênero procuram mostrar que as referências culturais são sexualmente produzidas, por meio de símbolos, jogos de significação, cruzamentos de relações de gênero (MATOS, 1997, p. 97- 98).

Diferentes autores fazem uma definição que facilita o entendimento do conceito de gênero. Assim, Saffioti, (1992, p.190) contribui afirmando que:

[...] tanto o gênero quanto o sexo são inteiramente culturais, já que o gênero é uma maneira de existir do corpo e o corpo é uma situação, ou seja, um campo de possibilidades culturais recebidas e reinterpretadas. Nesta linha de raciocínio, o corpo de uma mulher, por exemplo, é essencial para definir sua situação no mundo. Contudo, é insuficiente para defini-la como mulher. Esta definição só se processa através da atividade desta mulher na sociedade. Isto equivale a dizer, para enfatizar, que o gênero se constrói – expressa através das relações sociais.

Fiz uma reflexão sobre a grandiosidade dessa temática e percebi o quanto é possível envolvê-la em diferentes áreas como História, Filosofia, Sociologia e entre outras disciplinas que fazem parte da educação, conseguindo articular-se por diversos significados de acordo com a área predominante, sendo possível de ser compreendida como interdisciplinar pra quem quer e consegue enxergar as relações de gênero na escola. Por este motivo o próximo capítulo entrelaça Gênero e Educação com o intuito de esboçar os seus laços com a educação e a minha prática pedagógica.

3.2 Gênero e Educação

Quando se fala na relação entre gênero e educação, diferentes questões podem ser apontadas desde a história até os dias atuais, dentre elas a distinção de gênero, que supostamente pode ser percebida pela composição da sociedade brasileira que está marcada pelo patriarcado, relações de poder e autoritarismo que repercutem na educação formal, com um histórico de exclusão das mulheres, como afirmam Beltrão e Alves (2004, p.3-4):

A economia colonial brasileira fundada na grande propriedade rural e na mão-de-obra escrava deu pouca atenção ao ensino formal para

os homens e nenhuma para as mulheres. O isolamento, a estratificação social e a relação familiar patriarcal favoreceram uma estrutura de poder fundada na autoridade sem limites dos homens donos de terras.

Essa situação começa a se reestruturar em outra perspectiva, após a Revolução de 1930, quando apontam as primeiras ações direcionadas para a educação estendendo também o acesso das mulheres à escola. Todavia apenas com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), exatamente em 1961, foi assegurado o acesso igualitário ao ensino superior para as mulheres que frequentavam o magistério, através da equivalência dos cursos de nível médio (BELTRÃO E ALVES, 2004).

E hoje, a educação mudou? Sobre as relações de gênero na escola, o que mudou? Ainda que estudos comprovem um avanço relacionado a este tema, é preciso aprofundar e abordar mais o assunto, pois por vezes diferentes situações de desigualdade, preconceito e discriminação, passam pelos nossos olhos de forma naturalizada, deixando de problematizar tal questão. Segundo Vianna (2004, p.78):

[...] poucas são as investigações que abordam o impacto da discriminação de gênero nas políticas públicas educacionais, tais como a persistência da discriminação contra as mulheres expressa em materiais didáticos e currículos, a limitação ao acesso à educação e permanência na escola, sobretudo das jovens grávidas, bem como o fracasso escolar que marca de maneira distinta a trajetória escolar de meninos e meninas.

A escola é um lugar com inúmeras possibilidades de trabalhar, valorizar e respeitar diferenças seja através de seu universo coletivo, seja da unicidade, não importa de que forma, qualquer uma pode propiciar o reconhecimento de si e do outro, partilhando significados afins ou não. Ainda assim mesmo com esse espaço tão rico, muitas vezes diferentes situações perpassam de forma habitual e não são questionadas, contribuindo para irradiação das diferentes formas de preconceito, discriminação, desigualdade e exclusão.

As escolas se constituem como espaços fundamentais para a socialização dos/as jovens e muitas vezes nelas são reproduzidas relações de poder que incluem práticas machistas e sexistas. Acreditamos que as pesquisas que se interrogam sobre o cotidiano escolar devem estar preocupadas em perceber como a presença de estereótipos de gênero pode acentuar situações de preconceito e discriminação nas escolas (PULCINO, 2014, p. 129).

Segundo Teixeira (2010) a escola pode ser vista como um grupo vivo que transpassa estereótipos, mas que também de forma autárquica pode estabelecer algum modelo de comportamento. Assim sendo alguns acontecimentos escolares e a maneira como os sujeitos os vivenciam, serão efeito do conflito em diferentes subgrupos dentro da escola como: alunos, professores, gestores, pais dentre outros grupos importantes nesse ambiente.

No Brasil existem algumas ações que dão sustentação para trabalhar as questões de gênero na educação. Um exemplo disso é o projeto “Gênero e educação: fortalecendo uma agenda para as políticas públicas³.O projeto foi ancorado no diagnóstico e recomendações contidas no Informe Brasil, cujo o objetivo foi:

contribuir para fortalecer o lugar da agenda de gênero nas políticas educacionais brasileiras, em suas intersecções com raça e sexualidade. Buscou incidir tanto na gestão pública como junto aos movimentos sociais de educação, feminista, LGBT, sindicais, entre outros (CARREIRA, 2014, p.13).

Segundo Carreira (2014, p.13), “No Brasil, o Projeto constituiu um dos desdobramentos da Campanha Latino-americana por uma Educação não sexista e antidiscriminatória, impulsionada pelo CLADEM entre os anos de 2009 e 2011”. Ações assim impulsionam para pensar em uma educação mais igualitária, mostrando que as temáticas que entrelaçam as relações de gênero fazem parte do cotidiano escolar.

No Informe, Carreira (2014, p. 29 e 30) afirma que “promoção da equidade de gênero nas políticas educacionais deve contemplar”:

políticas que garantam o acesso e a permanência de todas as mulheres e homens à educação formal e o direito à aprendizagem[...]; políticas que ampliem a noção vigente de qualidade em educação[...]; políticas que promovam um maior equilíbrio entre mulheres e homens no acesso às instâncias de poder na educação[...]; políticas intersetoriais, da qual a educação esteja articulada a políticas de distribuição de renda, trabalho, saúde, proteção, etc, concretizando a natureza integral e indissociável dos direitos humanos[...].

³ Este projeto foi desenvolvido entre os anos de 2014 a 2016, pela Ação Educativa com a parceria das organizações do Comitê da América Latina e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher, Ecos- Comunicação em Sexualidade e Géledes - Instituto da Mulher Negra. Além das quatro organizações de sociedade civil, com a participação do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas.

Mesmo que existam políticas corroborem para abordar as relações de gênero na educação, é possível ainda concordar com Louro (1997, p.110) que aproximadamente há duas décadas escreveu que: “os processos escolares como formadores e reprodutores de desigualdades sociais vêm ocupando a agenda política e acadêmica de muitas estudiosas e estudiosos críticas/os há várias décadas”.

De maneira geral desconstruir estereótipos de gênero não pode ser considerada uma tarefa fácil e possível de ser feita repentinamente, esse processo deve ser contínuo, elaborando estratégias que promovam debates sobre gênero. Também é necessário, possibilitar “debates sobre o processo histórico e social de transformação das diferenças em desigualdades e de naturalização ou de invisibilidade dessas desigualdades” (Pulcino, 2014, p. 129). Considera-se essencial um posicionamento da educação, que possa interpelar os significados que foram impostos para homens e mulheres, que perpassam ao longo dos anos como arquétipos, ou seja, um modelo a ser reproduzido por nossa sociedade. Concordando com a ideia de Pulcino (2014, p. 129):

Assim, não basta apenas reconhecer que existem diferentes expectativas para mulheres e homens, mas também perceber por meio de quais mecanismos sociais o controle dos corpos é reiterado ao longo da vida escolar dos/as estudantes, de modo a desvelá-los e tornar o tratamento dos gêneros mais igualitário.

Pensando nas palavras de Pulcino, é possível perceber que em muitos espaços escolares existe uma preocupação em relação ao comportamento das alunas e alunos de forma cautelosa redireciona o grupo para uma conduta aceita pela sociedade. Dessa forma, intencional ou não, estabelece a continuação da desigualdade de gênero. Na relação existente na escola com a construção das identidades das/os sujeitos e na estabilização das diferenças, Meyer e Soares (2004, p.8) afirmam que:

Desde sua constituição, a escola é marcada por diferenças e está implicada, também, com a produção dessas diferenças. Embora não seja possível atribuir a ela toda a responsabilidade pela construção das identidades sociais, ela continua sendo para crianças e jovens um local importante de vivências cotidianas específicas e, ao mesmo tempo, plurais.

Nessa mesma perspectiva, Alvarez-Uría e Varela (2009) postulam que a escola não exhibe as diferentes formas de desigualdade explicitamente, porém muitas vezes ratifica, permitindo que em seus diferentes espaços transitem normas da sociedade, transmitidas pela própria comunidade escolar, uma vez que situações de desigualdade já estão imbricadas na instituição. Segundo Louro (1999, p.58): “a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas”.

Existe também uma resistência por parte de alguns profissionais para trabalhar as relações de gênero, seja por sua construção pessoal ou até mesmo por insegurança ou falta de informação, já que hoje há um retrocesso em relação a essa temática, que está socialmente distorcida por grupos que a compõe como religiões, política, veículos de comunicação entre outros. Hoje a tarefa de falar sobre essa temática fica muitas vezes restrita às aulas de biologia, ou melhor, através desse componente é que existe a possibilidade de relacionar essa temática, quando se trata de sexualidade, prevenção. No entanto posicionar-se frente aos temas que entrelaçam as relações de gênero, contribui de maneira positiva na formação das alunas e alunos, desconstruindo barreiras do preconceito e discriminação existente nesse espaço.

Embora que os estudos sobre gênero tenham avançado e construído um espaço na educação, contribuindo para igualdade de direitos, ainda é possível perceber que estão imbricados na fala e na conduta de alunas e alunos, diferentes formas de preconceito, sendo esses trazidos do contexto em que estão inseridos e também por mobilizações para retirada do gênero dos Planos de Educação em nível nacional, regional e local repercutindo de uma forma negativa em todo o valor desse estudo, o que estagna e até mesmo causa um retrocesso da inserção dessa temática na escola, de uma maneira clara e consciente.

Com o intuito de repensar sobre determinados comportamentos e falas que se mostram discriminatórias é preciso ficar atento às diversas circunstâncias que surgem no cotidiano, e problematizá-las dando conta no que diz nos documentos legais que entrelaçam as relações de gênero. Ao concluir essa discussão teórica, percebo que foi de suma importância buscar um aprofundamento teórico sobre a temática, para que eu pudesse continuar na caminhada contra a desigualdade, já que a escola é um lugar onde as relações acontecem e, infelizmente, a igualdade

não prevalece. Porém, reconheço que muitas questões ainda ficarão sem respostas, que o processo de apropriação deste tema é uma construção permanente e penso que carregarei comigo estas leituras e as próximas que virão, para meu crescimento pessoal e profissional. Com base nas leituras feitas e nas minhas inquietações, exponho a seguir o caminho metodológico da minha pesquisa-intervenção.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Engendrando os caminhos

A pesquisa empenhou-se em desenvolver atividades que partiam da realidade do local articulando com a demanda que a turma apresentava, em uma abordagem social e de cunho qualitativo, onde o foco principal era a vivência das/os alunas/os produzindo dados que responderam aos objetivos ou não.

Por se tratar de uma pesquisa em que pude interagir com a finalidade de envolver ainda mais os/as alunos/as, estimulando-os/as a participarem ativamente durante todo o processo, consegui analisar metodologicamente os dados que surgiram e logo depois avaliar, empregando uma abordagem do tipo pedagógica. Segundo Damiani et al. (2013) nesse tipo de pesquisa, o pesquisador deve planejar e intervir, com o intuito de acarretar avanços que originam efeitos e ainda no relato de pesquisa deve haver dois elementos principais:

O **método da intervenção** deve ser descrito pormenorizadamente, explicitando seu embasamento teórico. (...) Aqui, o foco do autor do relatório deve estar voltado somente à sua atuação como professor (agente da intervenção). O **método de avaliação da intervenção** tem o objetivo de descrever os instrumentos de coleta e análise de dados utilizados para capturar os efeitos da intervenção. (...) tendo o foco na atuação do autor como pesquisador. A avaliação da intervenção (...) é igualmente composta por dois elementos: os achados relativos aos efeitos da intervenção sobre seus participantes e os achados relativos à intervenção propriamente dita (DAMIANI et al., 2013, p. 62, grifos dos autores).

Com base na metodologia apresentada, planejei minha sala de aula, construindo um novo olhar ao meu modo de ser professora e pesquisadora, reavaliando conceitos já estabelecidos, intervindo na construção de possibilidades

de articular as relações de gênero com as/os alunas/os na medida em que tenho a oportunidade de me aproximar de sua cultura e de sua história.

Acreditando que por meio do registro seja disponibilizado, dentre tantos ganhos, a construção de novas e diferentes aprendizagens que se originam através das curiosidades, indagações e experiências de vida dos grupos, juntamente com minhas inquietações, problematizações e desafios, propus utilizar um portfólio individual (que foi nomeado como álbum na abordagem em sala de aula), fotos e gravações para registrar atividades que terão como recursos: livros, jogos, brincadeiras dirigidas, brinquedo, música e filme para abordar as questões de gênero no grupo.

As atividades para as intervenções foram elaboradas a partir do desenvolvimento de diversas observações. Segundo Negrine (1999; p.67) “deve ser contínua e sistemática com a função de registrar determinados fenômenos ou comportamentos. Para tanto é necessário que seja: a) intencionada: com objetivos determinados; b) sustentada: guiada por um corpo de conhecimentos”. Nessa ocasião tive a oportunidade de perceber quais atividades as/os alunas/os mostraram-se mais atraídas/os e assim planejei-as com mais proximidade às suas realidades. As intervenções foram desenvolvidas sendo planejadas em três momentos, com duração de cerca de duas horas ao todo:

- ✚ Momento inicial: ocorreu uma conversa explicando a proposta que foi desenvolvida e apresentação do recurso utilizado. Neste momento instigou-se as/os alunas/os, falando sobre o nome do recurso, com o objetivo de chamar sua atenção para a atividade. Segundo Yozo (1996) o grupo se prepara, combina a aula dessa maneira. Aqui também ressalta-se a importância da participação de todas/os para o bom desenvolvimento do trabalho.
- ✚ 2º Momento: neste momento o recurso foi apresentado e feito alguns questionamentos que desencadearam as discussões, como: de que se trata? A quem se destina? O que acontece? Isso também pode acontecer na vida da gente? Como? Qual é o desfecho? Qual seria a outra possibilidade? O que tu farias se passasse tal situação? Neste momento problematizou as respostas das/os alunas/os ajudando-as/os a questionar suas opiniões já formadas ou a (re)construção de seus entendimentos, tudo oralmente e ainda em círculo.

✚ 3º Momento: A produção e apresentação do entendimento das/os alunas/os. Neste momento foram disponibilizados materiais para a construção do portfólio (álbum) na sequência, em círculo, cada um narra o que escreveu. A atividade não dirigida pelo professor faz com que o grupo “acione o tempo todo mecanismos de pensamentos, seja para realizar movimentos técnicos ou simbólicos, seja para imitar os iguais, seja para experimentar novas situações” (NEGRINE, 2002, p.152).

Foi uma premissa desta abordagem que desde o início da atividade as/os alunas/os se sintam desafiadas/os, mas sem conduzir para uma forma específica de como desenvolver, isto é, encorajar a participar dando suporte para suas próprias realizações. No seguimento do relatório, coloco a busca de caminhos para a intervenção.

4.2 Investigando os espaços: em busca de caminhos para a intervenção

Ouso apontar que não fui eu quem buscou esse caminho de forma direta, pois minhas inquietações sobre as relações de gênero afloraram ainda mais quando conheci a turma que passaria a ter contato durante todo ano letivo de 2017. A turma me mostrou a sua demanda e quando prestei mais atenção nas falas das crianças realizei o diagnóstico com o intuito de auxiliar na elaboração das atividades, ancorando-me no interesse e necessidades que ali se manifestavam, pois:

A investigação preliminar - estudos exploratórios - deve ser realizada através de dois aspectos: documentos e contatos diretos. (...) Os contatos diretos, pesquisa de campo ou de laboratório são realizados com pessoas que podem fornecer dados ou sugerir possíveis fontes de informações úteis. As duas tarefas, pesquisa bibliográfica e de campo, podem ser executadas concomitantemente. (MARCONI, LAKATOS, 2003, p. 159).

Desta forma delineei dois momentos que foram preliminares: um com o intuito de definir os sujeitos da pesquisa e o outro de apresentar as atividades que em primeiro momento fariam parte da minha intervenção.

4.2.1 Conhecendo um pouco do ambiente delimitado: situando o campo empírico

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Carlos Peixoto Primo está localizada no bairro Querência, no município de Rio Grande, estado do Rio Grande do Sul e foi inaugurada em vinte e sete de fevereiro de mil novecentos e noventa e dois.

Atualmente a escola atende a moradores/as das redondezas e como toda a rede, enfrenta os problemas sociais externos a ela, a saber: violência, alcoolismo e negligência. Além disso, ainda precisa enfrentar seus próprios desafios, como distorção idade e série e evasão escolar, em função do próprio contexto da comunidade e dos percalços resultantes das políticas públicas educacionais como a demora de um atendimento específico, pois precisa passar por um processo de aprovação.

Sobre a estrutura física, a escola apresenta dois andares com salas de aula, secretaria, biblioteca, sala de recursos, sala de informática e de vídeo, pátio, refeitório com sala dos professores. A escola opera em dois turnos, reunindo quase trezentos e dez estudantes e 27 professores/as, e conta com uma diretora e duas vice-diretoras. Considerando o espaço que a escola possui, podemos classificá-la como uma unidade de porte pequeno. Em que pese o tamanho da escola, vale registrar que esta apresenta um bom nível de organização e de limpeza em todos os espaços, existe um compromisso da direção e de todo grupo escolar em manter o espaço cuidado e organizado.

4.2.2 A definição de quem participou: os sujeitos da intervenção

Estabelecendo metas para desenvolver minhas atividades, passei a me questionar sobre quem eu envolveria nesta pesquisa e, percebendo que a escola é um lugar bastante amplo e essa temática pode ser desenvolvida em diferentes setores, optei por uma turma do 4ºano do ensino fundamental, da escola Pedro Carlos Peixoto Primo, localizada na cidade do Rio Grande, por ser a professora titular e assim organizar as atividades em meus horários. A intenção principal era problematizar diferentes situações trazidas pelas crianças, que foram construídas por uma cultura e contexto social, tais como: brincar em grupos específicos; se posicionar em filas já estabelecidas dos anos anteriores; jogar bola separados; uso de palavras preconceituosas. Ao todo participaram da intervenção dezoito alunas e alunos, com idade entre 9 a 14 anos, sendo desses 9 meninas e 9 meninos. Cabe aqui salientar que cada aluna e aluno teve seu nome reservado durante o relatório e

foram nomeados pelos codinomes que escolheram através da/o personagem para criaram, isso era uma das atividades para dar seguimento a essas a pesquisa. Essa atividade será descrita de forma mais detalhada no decorrer do relatório.

Esses personagens foram escolhidos e respeitados sem problematiza-los, mesmo que alguns estivessem carregados de estereótipos, mas a ideia era que elas e eles se sentissem a vontade para que através das criações expusessem suas opiniões. Tais personagens foram: Janelinha, Cristiano Ronaldo, Rabetânia, Bela, Adriele, Mc, Alice, Joaquina, Mi, Cebolinha, Mc Bruninho, Zé, Mc Lã, Mc Kevin, Linda, Dinamite, Lucas e Alvine.

Abaixo, na figura 1, apresento a turma.

4.2.3 Desviando o caminho: expectativa x realidade

Em primeiro momento da minha pesquisa-intervenção, separei alguns temas que já faziam parte da minha metodologia de trabalho, porém as atividades para trabalhar esses temas, que cruzariam as relações de gênero, ainda não haviam sido aplicadas, mas pensadas, de acordo com a minha turma. Abaixo apresento o quadro que resume estas atividades.

Quadro 1 – A proposta inicial das atividades

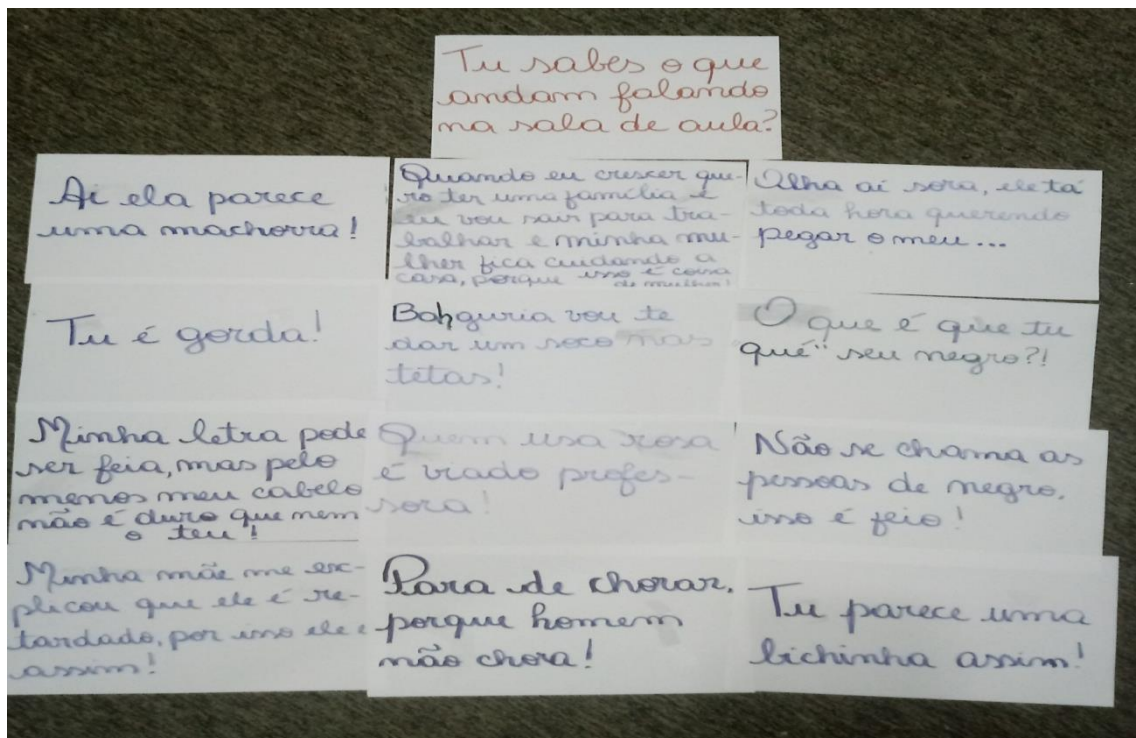
| Título | Temática | Recurso |
|---|---|---|
| Histórias de Maria | Relações de gênero e nome. | Livro |
| Jogo com bola | Relações de gênero e o esporte | Bola |
| Desafio da Igualdade | Relações de gênero e a igualdade de direitos | Vídeo |
| Histórias de Maria (família) | Relações de gênero e família. Diferentes famílias e o papel de cada um. | Livro |
| Moana | Relações de gênero e os estereótipos dos filmes que reproduzem a realidade. | Filme |
| Brincadeira do saco | Relações de gênero e as brincadeiras | Um saco grande. |
| Por que meninos têm pés grandes e meninas têm pés pequenos? | Relações de gênero e as diferenças. | Livro |
| Fechamento | Retomada das atividades | Quadro da sala de aula e folha de ofício. |

Com a síntese de nossas atividades prontas, conversei com a orientadora da escola para que antes de começar minhas ações, eu pudesse fazer uma reunião com as/os responsáveis da turma e exponho a seguir um pouco de como se desenvolveu esta reunião.

Era uma tarde linda de sexta-feira, tudo pronto para receber as/os responsáveis, lembro que estava com uma enorme expectativa para apresentar minha pesquisa-intervenção, preparei os slides com bastante entusiasmo e cuidando dos pequenos detalhes, para que tudo ficasse bem claro, já que a cidade passava por uma fase de que se falar sobre gênero na escola era impor uma ideologia, colocando conceito de normal e anormal sobre a homossexualidade, apareceram projetos na Câmara dos Vereadores que entendiam essa forma distorcida do conceito de gênero, proibindo assim qualquer professor a trabalhar com essa temática.

Preparei pequenos cartazes com as frases de cunho preconceituoso que algumas/uns alunas/os já haviam expressado contra algumas/uns colegas e expus no quadro onde aconteceria a reunião. A seguir apresento as imagens com essas frases.

Figura 2 - Tu sabes o que andam falando na sala de aula?



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

As/os responsáveis foram chegando e se acomodando em círculo e observando as frases, até que em determinado o momento eu me apresentei novamente, pois algumas/uns não me conheciam, evidenciei a metodologia do meu trabalho e da pesquisa que seria desenvolvido com a turma, logo fiz o seguinte questionamento: *Vocês observaram através desses cartazes o que está sendo falado aqui na sala de aula?* A partir daí comecei a contar sobre a pesquisa, mostrei as atividades que tinha elaborado para a turma, mostrei os livros que iria usar, quais eram os objetivos e assim fui apresentando os *slides* e deixando livre para que as/os responsáveis fizessem algum questionamento, porém em grande parte da reunião ficaram caladas/os. Antes de concluir frisei que essa pesquisa fazia parte do meu trabalho de Mestrado e que para colocar no relatório crítico-reflexivo o nome ou codinome das/os alunas/os envolvidas/os eu precisaria da assinatura deles no Termo Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) e das crianças no Termo de assentimento do menor (APÊNDICE A) autorizando esse processo.

Na reunião havia nove responsáveis. Somente três assinaram o termo na hora, outras/os pediram para levar para casa e das/os dezoito responsáveis somente dez assinaram. Fiquei bastante preocupada no dia, repensei diversas vezes o que eu poderia ter falado de diferente para que tivessem outro comportamento, esse não foi o que eu esperava mas não consegui chegar a alguma conclusão.

Durante a semana algumas/uns responsáveis vieram conversar comigo perguntando se eu iria usar uma “Cartilha de Gênero” para dizer que ser gay é normal? Outra/o responsável me questionou sobre o que eu iria dizer sobre a família, se o que era ensinado para a criança era que família é pai e mãe, que se os avós criassem ou duas mães ou dois pais, isso não poderia ser chamado de família. Também escutei que eu estava “perdida na vida”, pois eu queria falar para a turma aceitar o homossexualismo, sendo que em nenhum momento falei sobre homossexualidade⁴ na reunião. Isso me fez perceber ainda que as pessoas associam gênero à identidade de gays e lésbicas.

Os dias foram passando e eu percebi minhas/meus alunas/os mais quietas/os, menos espontâneas/os, pareciam que haviam sido “recomendadas/os” a

⁴Faço o uso do termo sexualidade compreendendo que, segundo o Dicionário Aurélio o sufixo de origem grega ‘ismo’, além de denotar “condição patológica”, é o mesmo que usamos para indicar “doutrina, escola, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso”; “ato, prática ou resultado”; “peculiaridade”; “ação, conduta, hábito, ou qualidade característica.”

não falar mais nada. Por vezes fazia algumas atividades com base na pesquisa, que pudesse gerar uma discussão, mas percebi que a turma não estava me dando um retorno, e a aulas estava ficando pesadas. Quando eu começava um assunto os rostinhos delas e deles pareciam que me diziam: *Lá vem a “sora” com aquele assunto novamente.*

Perceber isso, apesar de frustrante, foi bom, pois me fez repensar sobre minha prática e relembrar das frases que tanto escutei naquela turma que me causaram aflições e também quais eram meus objetivos para desenvolver com a turma, pois nada daquilo que eu tinha percebido poderia passar em vão. Então reelaborei algumas atividades, fiz uso de alguns artefatos culturais e brincadeiras e, com o mesmo objetivo, percorri outros caminhos.

4.3 Trilhando novos caminhos: a intervenção pedagógica

Levando em consideração as minhas inquietações e percebendo a necessidade de desenvolver atividades atrativas com a turma, apresento a intervenção pedagógica que foi realizada através de atividades diversificadas a fim de atingir meu objetivo, problematizar as relações de gênero presentes na turma. Foram realizadas oito atividades, com duração em média de 2 horas e meia cada uma com intervalo de dois ou quatro dias dependendo percepção que se tinha em necessitar dar sequencia seguidamente ou não. O horário dessas atividades aconteceu dentro da carga horária de aulas no período da tarde. As atividades foram gravadas em áudio através de um aparelho telefônico, enquanto as crianças estavam interagindo entre si e comigo, com o intuito de auxiliar na coleta de materiais para análise posterior. A seguir, descrevo como aconteceram as atividades.

1º Atividade: Estreitando os laços com a pesquisa

Objetivo: Apresentar a pesquisa-intervenção

Chegou dia quatro de setembro de 2017, o dia em que iria começar a desenvolver as atividades que tinha reorganizado para as crianças. Eu estava bastante ansiosa, na expectativa que desse tudo certo ou que ao menos elas se mostrassem interessadas em percorrer comigo esse caminho de atividades. Organizei a sala de aula, coloquei os cartazes que utilizei na reunião dos pais, expostos no quadro e com a intenção de possibilitar que os cartazes tomassem uma

atenção maior das crianças, organizei também as cadeiras para isso, depois, fui buscá-las no pátio da escola como de costume.

Ao entrarmos na sala de aula, a maioria da turma já viu a diferença nas classes e os cartazes que estavam expostos no quadro e vieram me indagar sobre o que era aquilo no quadro, se fui eu que tinha colocado ou qual atividade que faríamos. Fiz um “suspense” e comecei a indagar: *será que fui eu que coloquei esses cartazes no quadro? E se fui eu, por que será que as coloquei? Vamos ler o que diz nos cartazes?* Fizemos uma leitura coletiva. Então mais uma vez eu perguntei: *Será que fui eu? Vocês já ouviram frases como essas?* Recordo-me que naquele momento ficou um silêncio na sala, quando uma criança resolveu falar: *acho que já escutei isso professora.* E o tumulto tomou conta da sala de aula, todos querendo falar ao mesmo tempo, apontado quem tinha falado o que. Então resolvi explicar que muitas vezes no início do ano, nossas tardes tinham sido marcadas por diferentes situações e falas que me causaram algum desconforto, como essas frases preconceituosas sejam com o corpo, cor da pele ou até mesmo comportamentos rotulados como sendo de meninos ou de meninas. Percebi também que algumas crianças da turma ficavam tristes com tais situações, pois escutavam coisas que eram ditas “de brincadeira” mas na verdade magoavam, deixando-as mais quietas sem querer interagir com o grande grupo.

Compreendendo então essas frases que apareciam e ainda aparecem na turma, e as necessidades que todos nós temos de falar, dividir experiências e mostrar o que pensamos, expliquei que propus algumas atividades a partir da construção de um personagem para que pudessem expressar o que quisessem, a partir de atividades que fizemos anteriormente e construiríamos um álbum. Nesse álbum ficaria o resultado das discussões e reflexões que foram feitas. Ficou acertado que em dois dias na semana, faríamos uma atividade diferente para compor o álbum.

2º Atividade: Desapegando dos estereótipos: cada um desenha o personagem que quiser

Objetivo: Construir um personagem livre dos padrões impostos pela sociedade.

Para começar essa atividade, parti de um livro, contei que aquele livro eu tinha visto outro dia na biblioteca da escola e tinha achado legal para fazer alguma atividade com a turma, no momento nada específico, no entanto surgiu essa

oportunidade e resolvi usá-lo. Apresentei o livro começando pela capa, e já fazendo alguns questionamentos sobre o nome do livro, para aguçar a curiosidade das crianças. Depois fui mostrando suas páginas ressaltando a forma como foi organizado, os personagens e alguns temas abordados pela autora. Nesse livro, intitulado “TEENcontrei: onde a gurizada se encontra” (Quadrado, 2013), a intenção foi de apresentar como foram construídos os personagens, cada um da sua maneira ressaltando que assim como no livro, somos todos diferentes e não precisamos seguir nenhum padrão.

Logo já estavam me indagando sobre os personagens, ficaram curiosos com a aparência de cada um, então resolvi ler um pouco sobre a história de cada um. O silêncio tomou conta da sala naquele instante: olhos e ouvidos atentos a cada detalhe. Instantes depois, cochichos foram surgindo provocados pelas características de alguns personagens.

Em seguida entreguei uma folha de ofício para que cada um desenhasse seu personagem e atribuíssem um nome a ele. A única regra era de que o corpo não poderia ser de “palitinho”⁵, tinha que fazer todas as partes do corpo do jeito que acharem mais legal.

Figura 3 – Elas e eles



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

O tempo para o desenho do personagem foi de uma hora e meia. Esse tempo se estendeu pois a turma foi chamada para fazer o lanche no refeitório, por este motivo interrompemos a atividade e depois retornamos. Após esse tempo cada um

⁵ O termo “palitinho” é uma maneira de exemplificar o desenho das formas corporais com apenas linhas retas e um círculo que representa a cabeça. Pode ser considerada uma forma mais elementar de representação humana, sem muitos detalhes.

apresentou seu personagem. Deixei-os bem à vontade para ir na frente da turma apresentar para os colegas ou permanecer no lugar. Metade do grupo sentiu-se à vontade pra isso, outros preferiram ficar no lugar. Alguns personagens foram apresentados e nomeados da seguinte forma:

-Esse é o “Janelinha” professora, fiz parecido com o Bobby Esponja;
-Essa é a “Adrielle” uma transex parecida com a da novela⁶, que não gostava do seu corpo por isso desenhei ela com faixas nos seios;
-A minha é a “Rabetânia” ela trocou o nome dela, pois ela tem um bairrada bundão professora. E como era o nome dela?-perguntei Humm, acho que era “Alfredo”. É homem teu personagem?-Indaguei: Não professora, é menina mesmo é que a mãe dela queria que ela fosse menino e colocou o nome dela assim, daí ela cresceu e trocou.
-Desenhei um veado professora! Um animal?-perguntei! Não professora, gente mesmo, desenhei um veadinho, não coloquei nome ainda, só sei que é veado.
 E qual teu personagem?-perguntei a uma aluna?-*Professora não quero falar, só olha a minha personagem, eu fiz uma menina, porque sou menina professora. –Ué eu sou menino e fiz uma menina, a professora tinha dito pra desenhar o que quiser.*
-Esse é o Mc professora, ele mora na favela, vive rodeado de armas.

Nesse momento percebi que a reação das outras crianças, era de algumas rirem e debocharem, como exemplo na hora que a transexual foi apresentada, mas logo outras crianças já retrucaram defendendo a escolha do desenho da colega. No instante de cada apresentação surgia um olhar de curiosidade para saber o que o colega tinha feito. Traçando um panorama geral desta atividade, constatou-se que a maior parte dos desenhos eram feitos dentro dos padrões da sociedade, ou seja, menina faz menina, de vestido rosa ou saia e menino faz menino de azul, jogando futebol ou participante de luta, como pode ser percebido na Figura 1.

Em seguida conversamos sobre os nomes e que automaticamente ao construir o nome, também construíram a história do nome. E discutimos sobre a história do nome de cada um. Fiz alguns questionamentos como: *Existem diferenças nos nomes? Existe nome que só menino pode ser chamado ou só menina? Existe também nome que serve tanto pra menino como pra menina?*

⁶ Em uma emissora de televisão, no período da intervenção, era exibida uma personagem transexual que não aceitava seu corpo, e sofria discriminação na novela.

Aproveitei a ocasião para exemplificar nossas discussões contando a história que está no livro: Histórias de Maria: Escola(2016). A primeira parte desse livro fala também sobre a história do nome de cada um, dando uma explicação na mesma linguagem da turma. Ao final cada uma das/os alunas/os colocou seu desenho no álbum.

3ª Atividade: Jogos e brincadeiras de meninos e meninas: isso existe mesmo?

Objetivos: Desenvolver atividade que todos participem; Promover a discussão acerca das brincadeiras ditas de menino e de menina.

Já havia algum tempo que o professor de Educação Física não dava aula para essa turma, que me questionava bastante porque acreditavam que só acontecia essas faltas com a nossa turma. Não possuindo muitos argumentos, marquei para uma quinta-feira a nossa ida para o pátio da escola para desenvolver a atividade. Isso acontece pois a escola só tem um pátio e averigui a possibilidade de no momento que decidíssemos ir, ele não estaria ocupado.

Comentei com a turma e ficaram ansiosos para ir ao pátio. Chegando o dia marcado, o tempo estava bom, e na fila eles já me perguntavam se iríamos para o pátio. Entramos para a sala de aula, fiz a chamada e comecei a conversar com eles.

Nesse dia retomamos nosso álbum, porém antes disso fizemos três atividades com bola. A turma chegou a um consenso de que seria feito caçador, futebol e vôlei. Já antes de sair a turma queria decidir quem jogaria o que, no entanto fizemos um combinado: faríamos esses três jogos por um determinado momento e nessa ocasião todos deveriam jogar juntos.

Descemos para o pátio (na escola há três salas de aula que ficam no segundo piso, a nossa turma fica em uma dessas salas). Todos no pátio, um aluno decide que no futebol seria ele e outro contra o resto dos colegas, porém houve muita reclamação e então conseguiram fazer dois times que basicamente ficou dividido entre times só de meninos e outro com dois meninos e o restante eram meninas. Esse jogo ocorreu por vinte minutos. Em seguida fomos para o outro jogo escolhido, que foi o caçador. Nessa ocasião algumas meninas já ressaltaram, que agora quem escolheriam os times eram elas, pois os meninos que escolheram o outro e caçador as meninas são melhores, já começou uma discussão pois os meninos dissera que também jogavam bem o caçador tanto quanto o futebol. Os times foram divididos de forma mista e por um tempo de quinze minutos, aconteceu esse jogo.

Após isso os alunos pediram para brincar de “Batatinha quente” (é uma brincadeira que os alunos ficam em círculo, jogando a bola um para o outro em sequência e fazendo uma contagem de dez em dez até o número cento e cinquenta, e ao final um aluno deverá ser atingido pela bola, se isso acontecer estará fora da brincadeira). Essa brincadeira durou em média dez minutos, então a turma resolveu jogar vôlei. No vôlei a turma foi dividida novamente, outros colegas escolheram os times. O jogo começou e logo em seguida terminou, teve duração de cinco minutos, alguns meninos não quiseram mais jogar afirmando que as meninas não sabem jogar nada.

Aproveitando que estávamos no pátio, a turma pediu para tomar água e ir ao banheiro. Após, voltamos para a sala de aula e começamos nossas discussões acerca das atividades que desenvolvemos no pátio. Fiz uma retomada de como decidimos as atividades e resaltei alguns pontos que achei interessante, como em relação ao tipo de jogo e a escolha dos times; porque os meninos no futebol separaram time de menina e de menino, no caçador os times foram mistos? Por que o vôlei foi interrompido? Existe diferença de menino e menina quando estão jogando? Fizemos uma longa conversa sobre jogos de menino e de meninas e alguns relatos do que era permitido pelas famílias. E logo o questionei: *O que nosso personagem pensa sobre nossa atividade e nossas discussões de hoje? Vamos escrever mais uma parte do nosso álbum?*

Fomos interrompidos pela hora da merenda, após isso retomei nossa conversa e convidei a turma a fazer um texto coletivo sobre as atividades desenvolvidas para colocar no álbum Para construir o texto, cada aluna/o falava alguma coisa referente a atividade e eu colocava no quando, sugerindo algumas palavras para conectar um parágrafo no outro. Ao final todas e todos leram o texto em conjunto. Retomei qual era o objetivo de usar o álbum não esquecendo de que nele teria nossas ações, discussões e reflexões através dos personagens.

4º Atividade: Caracterizando coisas e pessoas

Objetivo: Problematizar padrões de comportamentos.

Ao longo da pesquisa procurei também entrelaçar alguns conteúdos de Língua Portuguesa, pois é bastante extenso o conteúdo do quarto ano. Nessa ocasião expliquei os adjetivos para a turma e passei alguns exercícios de fixação. Após o recreio que acontece das 15h e 30 minutos às 15h e 45 minutos, fiz a retomada desse conteúdo e estimulei a turma para que fizesse uma relação entre o

conteúdo e o nosso álbum, lembrando que nele já constava o personagem de cada um e o texto coletivo sobre jogos e brincadeiras.

A turma conseguiu fazer uma relação de que o personagem tem também suas características, que são seus adjetivos. Entreguei então uma folha de ofício e pedi que cada uma e cada um escrevesse características de seu personagem. Relembrei que características podem ser boas ou ruins depende muito da visão delas e deles e que estariam livres para colocar o que achassem mais pertinente.

Esperei que todas e todos terminassem de escrever e pedi para que cada um e cada uma falasse o nome da sua/seu personagem e suas características, parte da turma escreveu somente características consideradas negativas, outra parte escreveu positivas e negativas. Após todas e todos apresentarem suas produções, pedi para que uma/um de cada vez, fosse até o quadro e escrevesse uma característica do sua/seu personagem.

Com o quadro cheio de características, fiz o seguinte questionamento: *Todas essas características podem servir para todas e todos as/os personagens? A resposta geral da turma foi sim, então fiz outro questionamento: então posso dizer que são todas e todos iguais com as mesmas características? Agora a turma responde que não, que somos diferentes, temos características diferentes, uns são mais baixos, outros mais altos e assim por diante.*

Dando continuidade aos questionamentos, perguntei se em geral, teria como dividir as características listadas no quadro em dois grupos. A turma fica em silêncio e um menino fala: sim professora, pode ser um grupo de homem e de mulher. Então existem características de homem e de mulher? – pergunto eu. Sim professora, respondeu a turma. Sigo questionando: E mulher pode ter características “ditas” masculinas e homem “dito” feminino? A maioria da turma respondeu que “sim,” porém iria parecer “veado” ou “machorra”, que não tem como ter algumas características, pois homens e mulher são diferentes. Tentando exemplificar esse entendimento da turma, o Mc contribuiu com a sua explicação:–*Tipo aquela de chorona, homem que chora muito só pode ser “veado”, homem não tem que ser muito delicado professora, pega mal (Mc).*

Algumas meninas não concordaram com a afirmação do colega, disseram que homem pode chorar também, pois isso quer dizer que ele está demonstrando seu sentimento, que não é um homem “tão grosso”. Continuando a conversa, a aluna explica:

- Na verdade professora todo mundo sempre fala alguma coisa, julgando homem ou mulher. Aqui no meu personagem eu coloquei que ele é galinha, ou seja, que pega todo mundo, mas se fala que mulher é galinha é uma ofensa, e para homem é quase como um elogio né (Rabetânia).

- Na real professora cada um é o que quer ser, se quer chorar chora, se quer ser “viado” tem que ser, se quiser ser “machorra” também (Mc).

– É isso aí professora e a mulher também pode ficar com quem ela quiser, não tem que ser chamada de nada (Rabetânia).

–Minha mãe disse que eu tem que aproveitar pra ficar com quantos eu quiser agora e não me casar tão cedo, porque ela casou cedo e perdeu de aproveitar a vida (Cebolinha).

Terminamos essa atividade escrevendo com tinta em um cartaz características que eles acham importantes na vida deles. Escolhi fazer essa atividade de fechamento, pois a atividade teve bastante participação e também porque a turma gosta bastante de atividade que faz uso de tinta.

5º Atividade: Vídeo desafio da igualdade

Objetivo: Refletir sobre os desafios impostos pela sociedade.

Chegou o momento de fazermos mais uma atividade para compor o álbum e na ocasião conversei com a turma de que iríamos até a sala de vídeo assistir a um pequeno filme e que desde o primeiro momento eu gostaria que eles prestassem muita atenção, o vídeo é curto, com duração de 2 minutos. Não comentarei nada antes, eles é que me fariam depois, fomos direto para sala.

A sala de vídeo fica no térreo. Descemos as escadas e nos dirigimos para o local. Já havia conversado com a professora responsável da sala e tudo já estava preparado, era só assistir. Antes de começar frisei mais uma vez que eu gostaria que eles prestassem bastante atenção.

O vídeo mostra o Desafio da Igualdade⁷. Primeiro aparecem dois feijões e uma ultrassonografia e eles estão na mesma cor, após nascer um fica em um mundo que só pode usar rosa e gostar de brincar de boneca, pois isso é coisa de menina e o outro só pode usar azul e brincar de carrinho, pois isso é coisa de

⁷Vídeo Desafio da Igualdade: <https://www.youtube.com/watch?v=04u0UHEq2f4>

menino. O vídeo mostra as tarefas domésticas que quase sempre são feitas pelas mulheres e os homens ficam assistindo televisão ou brincando. Aparece também uma estatística de abuso sexual contra a mulher e as desvantagens no salário. Ao final o vídeo convida a participar desse desafio de tornar o mundo com mais igualdade a partir das nossas atitudes em casa.

Assistimos ao vídeo e alguns da turma pediram para que colocasse novamente, pois de repente deixaram passar alguma coisa. Na verdade ao todo vimos três vezes e voltamos para fazer as discussões na sala de aula.

Na sala de aula começamos a conversar. Perguntei sobre o que trata o vídeo. Em coro, respondem: *É sobre a igualdade professora!* Perguntei o título do vídeo e o que significa “Desafio da igualdade”. O aluno Janelinha responde: *Isso eu já não sei professora! Eu sei, isso quer dizer que não precisa ter diferença entre as pessoas.*

Fiquei exultante com a fala do Janelinha e comecei a conversar, desmembrando a atividade desde o início do vídeo, então perguntei se alguém saberia me dizer por que bem no início as sementes eram de uma cor e depois eram de outra. *Isso eu não entendi professora, porque um tem que ser rosa e o outro azul? Poderia continuar os dois da mesma cor!* Respondeu o Cebolinha. Então convidei a turma para pensarmos na nossa vida. Questionei se muitas vezes não é assim como mostra o vídeo? Somos ensinados a gostar de uma cor e não de outra? As respostas a seguir iniciaram nossas discussões:

- *Sim professora, menino que gosta de rosa é “veado”! (Mc)*
- *Oh! Não rateia eu uso rosa sim e se quiser te mostro o “veado”! (Cristiano Ronaldo)*
- *Meu pai usa rosa professora, minha mãe diz que fica bem nele. (Bela)*
- *Professora nesse vídeo escravizaram a guria e o guri ficou de patrão! (Rabetânia)*
- *Ué professora mas tem que ser assim mesmo. (Mc)*

As contribuições cessaram e então para discutirmos mais um pouco, questionei-as/os se todas e todos concordavam com as opiniões das/dos colegas? Se era isso que todas e todos pensavam também? E logo um aluno já foi respondendo:

–Não professora nada haver, ele ta ratiando, eu ajudo minha mãe em casa, se não eu não posso brincar.(Cebolinha)

– Já eu faço tudo na minha casa, me da uma raiva pois meu irmão não faz nada, nem a cama dele ele arruma, eu tenho que fazer tudo.(Rabetânia)

–Na minha casa a minha mãe não deixa ninguém fazer nada, só ela é que faz, pois ela diz que homem não sabe fazer nada direito.(Janelinha)

Depois de ouvi-las/os, fiquei curiosa pra saber a opinião deles sobre a mudança dessa situação apresentada no vídeo e Rabetânia se dispõe a responder: *Acho que sim professora, isso é preconceito, tem que acabar com isso.* A aluna Bela exemplifica a situação retratada no vídeo, contando um pouco da rotina sua casa: *No vídeo professora tem um cara sentado no sofá, por enquanto que ela trabalhava. Isso é o que acontece na minha casa. Acho que na maioria das vezes é assim né professora, sempre tem alguém que trabalha mais, em casa e outro que não faz nada.* Na ocasião, aproveitei a oportunidade de problematizar que mesmo sabendo que essa situação seja bastante comum entre as pessoas, dentro e fora do ambiente familiar, se estamos incomodadas/os com essa imposição, precisamos falar, de uma forma educada para as pessoas na nossa volta. Que assim como refletimos sobre o que o vídeo nos mostra, podemos fazer outras pessoas refletirem sobre a nossa opinião.

Dei continuidade a fim de conseguir discutir os diferentes detalhes que aparecem, então fiz a seguinte afirmação: *-no vídeo também esta dizendo que a mulher faz tudo e que o homem não faz nada.* E logo perguntei: *–Algum dos meninos divide as tarefas de casa?* Respondendo a esta questão, exponho as falas das alunas e dos alunos:

–Como eu disse, não professora, minha mãe não deixa.(Janelinha)

–A minha também não deixa, ela faz tudo e depois não para de reclamar.(Mc Bruninho)

–Eu não faço nada, não arrumo minhas coisas, não me sirvo, minha mãe é que faz tudo, ela diz que eu estou estudando direitinho, então não preciso fazer nada em casa. (Bela)

-Professora, no vídeo também aparece que a mulher ganha menos que o homem, isso não pode né, o patrão dela deveria pagar igual para ela e para ele.(Joaninha)

–Mas professora no vídeo não aparece que a mulher ganha mais que o homem?(Zé)

–Claro que não meu, não prestasse atenção no vídeo, apareceu que o homem sempre leva vantagem.(Mc)

No momento que escutei as alunas e os alunos, já pensei em lançar outro questionamento, sobre algo que faz parte da realidade, porém isso só foi possível por uma questão cultural, que é a vantagem dos homens sobre as mulheres, então fiz o seguinte questionamento: *Vocês acham que os homens levam vantagens?*

–Ah professora, o homem pode pegar várias meninas que não dá nada, agora vai uma menina fazer isso, já vão dizer que ela é puta. (Rabetânia)

–Ah também eu acho que é assim, o menino pode não fazer nada em casa, não estudar, só fazer bagunça e ta tudo certo ninguém vai fazer nada, agora a menina não pode fazer nada disso que já é xingada por alguém, vai eu fazer bagunça professora? Minha mãe me bate e no meu irmão não faz nada. (Alice)

-Professora, aparece também umas sombras, o que isso significa? (Zé)

A discussão cessa com a pergunta de um aluno sobre o significado das sombras atrás da menina que aparece no vídeo. Aproveitei para questionar, se tinha algum significado aquelas sombras e se alguém saberia responder. As respostas já foram aparecendo logo em seguida que acabei de falar, a turma estava bastante entusiasmada com o vídeo. Então cada uma e cada um tentou exemplificar da sua maneira, para que o colega que perguntou pudesse entender. Como mostro a seguir:

–Professora eu acho que é os caras correndo atrás da mulher. Tem guria com 12 anos que já foi estuprada, tem tanta mulher aqui na vila mas eles querem pegar crianças.(Mc)

–Tinha um homem na minha rua que era tarado professora, ele já tinha estuprado umas quantas meninas e a policia nunca fez nada.(Bela)

–No vídeo apareceu que muita meninas de 13 anos foram estupradas, como pode isso né professora?(Joaninha)

-Ah mas também elas abusam né usam coisas curtas e provocam, daí o cara não se segura.(Mc)

A fala do Mc no final me deixou um tanto preocupada, o que me fez questionar: *então a mulher não pode usar o que ela quiser pois isso ela estaria provocando, é isso mesmo? Será?* E logo o aluno mesmo responde: *–É professora, vou te bater a real a mulher pode usar o que ela quiser, eu olho, eu gosto, mas eu respeito, só se ela me der bola, aí já era.*

Chegando na etapa final do vídeo, conversei sobre o desafio que o vídeo expõe, e sobre a nossa discussão que foi muito interessante, pois percebi que todas e todos conseguiram contribuir com sua opinião, compartilhar suas experiências e muitas vezes sanar a dúvida de outra ou outro colega. O aluno Janelinha faz a seguinte contribuição: *-O desafio professora é de brincar com as mesmas coisas; fazer as mesmas coisas; dividir os serviços; fazer cada um uma coisa; jogar futebol junto.* E o seu colega Cebolinha ainda complementa dizendo: *-Professora, o vídeo também fala para não ter nenhuma diferença, cada um deve escolher a cor que quiser.*

Em seguida, fiz a proposta: *Agora que conversamos bastante, vamos pensar de que maneira podemos relacionar o vídeo com os nossos personagens? A ideia então é de que o vídeo fala sobre igualdade, certo? O personagem de vocês age com igualdade? De que forma? Vamos escrever um pouquinho, vou entregar uma folha de ofício, e com as palavras de vocês, colocarão o que fala o vídeo e de que maneira o personagem de vocês agirá com igualdade.* Esperei que todos terminassem e ao final, cada uma e cada um leu o que colocou na produção logo iria compor o álbum.

No final alguns se sentiram à vontade para ir até a frente da turma e falar de que maneira seu personagem agirá com igualdade. Outras/os falaram do lugar onde estavam, outras/os pediram para que eu lesse e dois meninos não quiseram ler e nem que eu lesse mas fizeram toda a atividade. O que me deixou bem contente é que o clima da sala de aula estava muito bom, grande parte da turma fazendo o seu entendimento e expondo sua opinião, terminei a atividade fazendo uma reflexão de quanto é valioso esses momentos com a turma, e o como me enriquece quanto professora pesquisadora.

6° Atividade: Quem disse que não pode?

Objetivo: Refletir sobre o modo de ser menina e menino.

Nossa aula começou e já fui conversando com a turma. Contei que tinha ido para casa feliz da vida, pois conseguimos conversar um assunto tão importante e

que me preocupa tanto, que era o assunto do vídeo. Fiz uma retomada geral do conteúdo do vídeo e propus à turma que trabalhássemos no nosso álbum novamente. A turma se alegrou e isso qualifica mais a pesquisa, pois o empenho aparece de forma natural.

Para começar, lembrei o vídeo. Após retomar a história assistida no encontro anterior, propus que o trabalho no álbum fosse que as/os personagens fizessem um desafio da igualdade da seguinte forma: dividiriam a folha ao meio e de um lado colocaram “quem disse que menina não pode?” e de outro “quem disse que menino não pode?”. Atentei em dizer que não queria nada “pouquinho”, precisavam escrever, listando coisas que achassem que o menino e a menina podem fazer ou usar que isso não mudaria nada, eles seriam a mesma pessoa, mas mais feliz, pois estariam fazendo ou usando o que gostam e da sua maneira. Sobressaltei que queria uma listagem que expusesse todas as suas ideias sobre a proposta que eu havia apresentado.

Nessa atividade surgiram algumas discussões entre a turma, pois algumas/ns achavam que menino não podia usar determinados acessórios como brincos, pulseiras ou *piercing* e outros defendiam que sim e que cada um usa o que quer. Essa atividade durou aproximadamente duas horas. A turma interagiu bastante, se xingavam e faziam o outro colega refletir sobre sua opinião de dizer que não poderia usar determinada coisa. Me perguntavam o que eu achava do pensamento delas/es, mostrando-se inseguras/os para colocar o que pensavam e eu as/os deixei livres para elas/es colocarem o que achassem correto.

Ao final da atividade, como de costume, cada um apresentou para o grande grupo o que tinha escrito, ainda trocamos algumas opiniões e fizemos um cartaz, fazendo o uso da tinta têmpera, para colocar no corredor da escola, para que todas/os das outras turmas pudessem ter acesso e quem sabe refletir um pouco sobre isso.

7º Atividade: Profissões

Objetivo: Promover discussão sobre as profissões ditas de homem ou mulher.

Nesta atividade pensei em ainda usar alguns temas que apareceram no vídeo. Retomei a parte que falava sobre salário e profissão. No começo, entreguei uma folha de ofício e solicitei que fizessem o trabalho em duas partes, primeiro expliquei uma e depois a outra. A primeira parte, era que desenhassem seis

pessoas nas suas profissões, qualquer profissão que preferissem. Lembrei-as/os de atentar-se aos detalhes para facilitar no entendimento da profissão e, na sequência, colocar no álbum. A atividade começou e surgiram os questionamentos:

-Professora tem bombeira mulher né, é mais difícil de ver mais existe né, vou desenhar. (Joaninha)

-Professora mecânico só pode ser homem né, mulher não tem força pra isso. (Cristiano Ronaldo)

-Posso colocar professor homem? Ah pode né, nosso professor de Educação física é homem. (Bela)

-Professora, vou desenhar tudo mulher tá: professora, enfermeira, médica pediatra, aeromoça, psicóloga e as outras não pensei ainda. (Alice)

-Professora eu vou desenhar homem e mulher. (Adrielle)

Deixei as/os alunas/os livres para desenhar da forma que queriam e as profissões que desejassem e, ao final, pedi para que cada uma mostrasse as profissões que escolheram. Nesse momento ficaram nítidas as profissões ditas masculinas e femininas, então fiz a seguinte indagação: *Quais dessas profissões só podem ser exercidas por homem? Ou só por mulher?* A resposta geral da turma foi: *Nenhuma professora, todas as profissões podem ter homem e mulher, a pessoa só tem que querer.* Apesar dessa ideia não transparecer nos desenhos, essa foi a fala deles, e isso é bem importante, porque as crianças já sabem a resposta “politicamente correta”, mas manifestam de outras maneiras que precisa aprofundar a discussão.

Figura 7- Profissões

Na segunda parte da atividade, a turma fez outro desenho, mas em relação ao personagem do álbum. Exploramos para esse desenho o registro da profissão que a/o sua/eu personagem do álbum exerce ou exercerá no futuro e por quê. A regra foi a mesma da outra atividade: desenhar a/o personagem na sua profissão. Após um tempo, como de rotina, cada uma e cada um apresentou as/os suas e seus personagens nas profissões que escolheram, onde destaco algumas falas:

-Desenhei o meu personagem policial professora. Ele é homem e policial então ele pode pegar bandido por isso eu desenhei. (Cebolinha)

-Desenhei uma enfermeira da Marinha, pois esse é meu sonho professora. (Joaninha)

-O meu vai ser jogador de futebol e terá cinco filhos, um de cada mãe, e depois só pagar pensão. Vou ter um filho de cada mãe e pagar pensão só, meu pai faz isso é legal professora, filho incomoda então deixa pras mães cuidar, o meu pai nem se estressa e nem a minha mãe pois recebe o dinheiro dele. (Cristiano Ronaldo)

-Eu fiz um engenheiro professora, eu não sei por que, mas fiz acho bonito a pessoa dizer que é engenheiro. (Bela)

-Eu desenhei um cientista, pois eu acho que cientista gosta de inventar coisas e eu gosto também. (Janelinha)

Ainda continuei pensando que mesmo que falem sobre a não divisão das profissões, isso passa de forma naturalizada pela sociedade que divide e rotula profissões sem que muitos tenham a possibilidade de exercer o que querem.

Para o fechamento dessas duas atividades, em um grande círculo cada uma/um apresentou a profissão que escolheu fazendo alguma mímica que representasse essa profissão e as/os demais colegas deveriam adivinhar.

8° Atividade: Retomando as atividades

Objetivo: Relembrar e problematizar todas as temáticas entrelaçadas nas relações de gênero.

Neste dia aconteceu o encerramento das nossas atividades do álbum. Recordo que todas/os fizeram sons de tristeza e disseram que queriam continuar usando o álbum, então expliquei que isso não nos impediria, porém algumas atividades que eu organizei, já tinha desenvolvido até aquele momento e precisava fazer o fechamento retomando todas nossas produções. Procedi fazendo alguns questionamentos aguçando a lembrança do surgimento da ideia de fazer um álbum e algumas respostas como a do Janelinha que disse: *–Ah lembrei, é que a gente falava muito palavrão!* E a do Cebolinha: *-a gente falava palavrão e a senhora não gostava!* Tentaram responder a minha pergunta. Não seria bem isso, então questionei se ninguém lembrava do que eu falava que ficava preocupada com algumas coisas aconteciam na turma e eram desagradáveis. Silêncio total na turma,

ninguém lembrou porque surgiu o álbum, então dei mais uma dica. Lembrei-as/os que eu dizia que muitas palavras eram preconceituosas. Nesse momento o Mc comenta: *Agora sim professora, eu lembro que tu não gosta que falem dos veados, opa não é veado é homossexual.*

Reforcei que isso era verdade, que me incomodo bastante também com essa questão, e fico pensando por que a vida da outra pessoa causa tanto incômodo na pessoa ao ponto de ela, sem ter falado nada, ser agredida e humilhada muitas vezes. Aos poucos foram lembrando por que começamos o álbum, foi em consequência de diferentes frases preconceituosas que escutei e comportamentos agressivos que presenciei por causa das diferenças de opinião, pele, cabelo, corpo e entre outras situações. Nesse momento solicitei se alguém poderia me dizer quais atividades foram feitas? Cebolinha logo responde: *-fizemos um personagem professora; o personagem podia ser como a gente quisesse.* E aluna Adrielle conclui: *Tu gostava mais dos personagens que eram diferentes professora;*

Por um momento em pensamento concordei com a fala que havia escutado mas argumentei dizendo que não, na verdade eu gostei de todas/os, é que me chamaram a atenção quando alguém desenhava algo fora do padrão, pois eu me identificava bastante. Em seguida perguntei se esses personagens tinham nome:

-Tinha professora, cada um escolheu um, o meu era Janelinha;
-O meu era Rabetânia;
-O meu era Cristiano Ronaldo;
-A minha era Alice;
-A minha era a Bela;
-A minha era Joaquina. Alguém mais quer falar o nome do seu personagem?
- O meu eu não coloquei nome professora, não consegui inventar. (passou a se chamar Cebolinha)

Posteriormente passamos para outra atividade, perguntei qual era, se alguém lembrava e para minha surpresa quase todo mundo lembrou que fomos jogar caçador, futebol vôlei e batatinha quente no pátio. A turma lembrou também voltamos para a sala de aula e fizemos um texto coletivo no quadro dando seguimento às atividades do álbum, cada fez um registro da construção coletiva.

Estimulando-as/os a lembrar de nossas atividades dispus questionamentos que levaram a falar do dia da atividade. Lembro que a pergunta inicial era bastante

ampla, como, o que fizemos neste dia. Ninguém lembrou, alguns ensaiaram palpites, até que perguntei: *Em algum dia vimos conteúdo novo de português? E depois fizemos cartaz?* Lembro das carinhas de dúvidas e alguns que não lembravam mesmo assim até que o “Janelinha,” sempre muito participativo, respondeu: *-Ah eu lembro professora, era sobre a característica das pessoas; Cebolinha e Rabetânia acrescentaram: -era características de menino e de menina professora; -Vimos os adjetivos professora.*

Depois disso as/os outras/os colegas começaram a lembrar e relatar como tinha acontecido a atividade, o que me faz pensar sobre o trabalho coletivo que acontece dentro de uma sala de aula é sempre muito eficaz, de forma direta ou indireta uns influenciam as/os outras/os. Dando seguimento a esse momento, possibilitei que cada um relatasse o que pensou:

- Primeiro nós colocamos as características no quadro;(Cristiano Ronaldo)*
- Não primeiro nós demos as características para os nossos personagens, depois colocamos no quadro, né professora?(Janelinha)*
- Cada um falou a sua característica;(Bela)*
- Depois vimos o que era de homem e o que era de mulher e fizemos um cartaz e fim;(Rabetânia)*
- Vimos também que tem características que ficam legal só em mulher;(Mc)*
- Claro que não disse a Alice, que bobagem isso.*

Para lembrá-las/os da outra atividade, comecei perguntando se durante nossas atividades, nós teríamos visto alguns vídeos e a resposta geral foi sim, falaram sobre o nome do vídeo e do que se tratava, nos seus mínimos detalhes. Neste momento cada um quis falar um pouco sobre o vídeo.

-Ah foi o vídeo do Desafio da Igualdade.(Janelinha)

-Eu profe!- ah tinha dois feijões que eram menino e menina e depois que saíram da barriga da mãe eram tratados diferentes.(Cebolinha)

-O menino levava mais vantagem que a menina;(Bela)

-A menina era escravizada;-os homens ganhavam mais que as mulheres; -meninas eram estupradas.(Rabetânia)

- Era um desafio que todos fossem tratados da mesma maneira, meninos e meninas.(Joaninha)

- Tinha que fazer um desenho sobre o vídeo, depois tinha que fazer um texto sobre o vídeo e o que entendeu sobre o vídeo.(Zé)

Durante a fala das/os alunas/os alguns faziam uma conversa paralela, apontando suas vivências, relatando que também aconteciam muitas coisas que foi mostrado no vídeo nas suas casas, como o menino não pode brincar com menina, que sempre separam na hora de brincar, e geralmente menino é na rua e menina é dentro de casa. O vídeo nos conduziu a outras atividades que constituíam o álbum, como por exemplo, a do quadro que esboçava: “quem disse que menina e/ou menino não pode?”. Essa atividade retomou nossas discussões de pode ou não pode, algumas alunas relataram que o menino sempre leva vantagem em tudo e menina sempre tem que ficar com as tarefas de casa, e se o menino faz a mãe sempre da alguma coisa por isso, como forma de pagamento. Esta reflexão nos conduziu para a retomada da próxima atividade, que também partiu do vídeo.

Nessa atividade trabalhamos sobre as diferentes profissões e que assim como em casa aparece o menino recebendo para fazer as tarefas a menina não, nas profissões também existe essa desigualdade, quando o homem e a mulher desempenham o mesmo papel dentro de uma empresa e um ganha mais que o outro ou quando a mulher desclassificada para um cargo mesmo que tenha qualificação para isso. Retomei também algumas falas perguntando se existe tal profissão feminina, e isso se por um lado me deixou contente pelo questionamento feito, por outro me preocupei que ele ainda exista.

E para finalizar a retomada, fizemos uma reflexão novamente sobre diferentes pontos que surgiram ao longo da nossa conversa. Solicitei que fizessem uma produção textual para colocar no álbum, que englobasse tudo o que

conversamos e o que descobrimos, sobre igualdade, diferença, desafios, coisas que são ditas de meninos e meninas, jogos e brincadeiras, características, ou seja, tudo que foi discutido em nossas atividades. Não foi estipulado um número de linhas, fomos construindo o texto individualmente, pontuando cada atividade. Para ajudá-los, registrei-as no quadro. Ao final dessa atividade foi lida a produção de cada uma e cada um para as/os outras/os colegas e construímos um cartaz com o título: “Queremos um mundo com mais...” e elas/es colocaram as palavras que fizeram o fechamento das atividades: escolhas boas, brincadeiras, igualdade, respeito, carinho, família, amizade, tinta para pintar, música, consciência, amigos e amor.

4.4 Conduzindo aos resultados: a avaliação da intervenção

Para designar a minha pesquisa como intervenção foi necessário que no método da avaliação da intervenção acontecesse um planejamento de acordo com a realidade e necessidade do grupo, repensando também quais instrumentos seriam utilizados para sua efetivação. Segundo Damiani et al. (2013), a avaliação da intervenção, na especificidade dessa pesquisa, deve esboçar os instrumentos de coleta e análise de dados e justificar seu propósito, assim como explorar os resultados conseguidos. Portanto, para avaliar essa intervenção procedi com os seguintes instrumentos: análise documental e observação.

Delineei previamente que os documentos para análise seriam os álbuns produzidos pelos sujeitos envolvidos, minhas observações, gravações e anotações.

A primeira decisão nesse processo é a caracterização do tipo de documento que será usado ou selecionado. (...) Será do tipo oficial (por exemplo, um decreto, um parecer), do tipo técnico (como um relatório, um planejamento, um livro-texto) ou do tipo pessoal (uma carta, um diário, uma autobiografia)? Envolverá informações de arquivos oficiais ou arquivos escolares? Ou ambos? Será um material instrucional (filme, livro, roteiro de programa) ou um trabalho escolar (caderno, prova, redação)? Incluirá um único tipo desses materiais ou uma combinação deles? (LUDKE, ANDRÉ, 1986, p. 40).

Já em relação as minhas observações sustento-me na ideia de que é uma técnica em que se pode usufruir dos sentidos para o atingimento de determinadas informações da realidade, considerando ou não os fatos ou fenômenos que se deseja seguir (Lakatos e Marconi, 2010). Segundo as autoras, a observação é sistemática quando dispõe recursos para a coleta dos dados observados e o

observador compreende o que procura. No que se refere ao procedimento, é estabelecida como observação participante, quando o observador se apresenta de forma adjunta e participa das ações do grupo. Ainda em relação às observações, realizei em todos os momentos das atividades e posteriormente elaborei o registro no diário de campo tendo as gravações em áudio como suporte, baseando-me na afirmação de Ludke, Andre (1986, p. 32).

Há formas muito variadas de registrar as observações. Alguns farão apenas anotações escritas, outros combinarão as anotações com o material transcrito de gravações. Outros ainda registrarão os eventos através de filmes, fotografias, slides ou outros equipamentos.

Com a finalidade de análise dos dados desta pesquisa foi utilizado o procedimento de análise textual discursiva (qualitativa).

[...] a análise textual qualitativa pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem de uma sequência recursiva de três componentes: desconstrução dos textos do corpus, a unitarização; estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar do novo emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada (MORAES, 2003, p. 192).

De acordo com Moraes (2003), na análise textual discursiva o propósito é descrever e interpretar sentidos e significados a partir dos materiais analisados, atingindo uma compreensão cada vez mais profunda dos significantes dos fenômenos estudados. Em vista disso, dando seguimento, apresento as categorias que surgiram da análise dos dados obtidos.

5 CONSIDERANDO OS DADOS: A ANÁLISE DA INTERVENÇÃO

No sentido de estabelecer a análise foi necessário fazer uma nova leitura, reexaminar ideias e atentar novamente aos registros e relatos com o objetivo de aprofundar a leitura e reorganizar o material, de forma que meu objetivo como pesquisadora fosse atingido o melhor possível, pois

Exercitar uma leitura aprofundada é explorar uma diversidade de significados que podem ser construídos com base em um conjunto de significantes. É ainda explorar significados em diferentes perspectivas, valendo-se de diferentes focos de análise. [...] Por mais sentidos que se consiga mostrar, sempre haverá mais sentidos. (MORAES, 2003, p.196).

Dessa forma, com as ideias recorrentes destacadas a partir do que mais foi estudado e revisão dos instrumentos da pesquisa, foram estabelecidas duas categorias. A primeira categoria foi intitulada como “Binarismos de Gênero e as suas Repercussões para a Educação” em que pretendo expor o quanto o binarismo está construído de forma naturalizada, e muitas vezes não percebemos que estamos tramados em diferentes padrões impostos de maneira cultural. A segunda categoria foi denominada como “É possível a discussão de gênero na sala de aula? Tecendo algumas possibilidades de abordagem”. Essa categoria apresentou diferentes atividades como estratégia de problematizar as questões de gênero. Essas categorias foram construídas a partir da reunião das informações por semelhança, comparando-as entre si, uma vez que: “Esse é um processo essencialmente indutivo, de caminhar do particular ao geral, resultando no que se denomina as categorias emergentes”. (MORAES, 2003, p.197). Começo minha discussão dos dados, apresentando logo a seguir as duas categorias.

5.1 Binarismos de gênero e as suas repercussões para a educação

Esta categoria aborda questões acerca do binarismo de gênero uma vez que existe a separação em ser “de menina” ou “de menino”, em uma sociedade que impõe padrões antes mesmo do nascimento. Nesse sentido, anoro-me nas palavras de Ribeiro (2002, p. 24):

Desde a mais tenra idade, conforme o sexo com o qual os sujeitos nascem, tais sistemas de significação ensinam tipos de comportamentos, brincadeiras, vestuários, desejos, valores, atitudes, prazeres, entre outros atributos sociais que, ao serem inscritos nos corpos, definem a sexualidade e as próprias pessoas.

Desse modo, em diferentes atividades o binarismo aparece de forma clara para aqueles que conseguem fazer essa observação. Na atividade de criar um personagem que não seguisse padrões sociais, muitas crianças acabaram

reproduzindo aquilo que foram ensinadas onde separa o que é “de menino” e “de menina”. Isso pode ser observado na fala delas e deles:

-Professora não quero falar, só olha a minha personagem, eu fiz uma menina, porque sou menina professora;(Alice)

-“Sora fica meio estranho se menino desenhar uma menina, ele é homem!”;(MC)

-“Vou desenhar uma menina com vestido rosa e sapato de salto”;(Bela)

-“O meu vai ser um cara bem malandrão, cheio de corrente e só vai pega mina gata, magrinha, pequenininha...”(Cristiano Ronaldo)

O binarismo vem seguindo um processo cultural, passando de geração para geração, reproduzindo formas de poder. Silva (2009, p. 134) contribui fazendo a seguinte afirmação: “a cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser. A cultura é um jogo de poder”. Esse jogo de poder que o binarismo desenvolve, acontece em diferentes contextos como: o familiar, grupos religiosos, a mídia, grupos culturais que constrói o sujeito. Nessa perspectiva, ancoro-me no pensamento de Judith Butler (1998, p. 21): “o sujeito é construído mediante atos de diferenciação que o distinguem de seu exterior constitutivo”. E também em Heilborn (1995, p. 9), compreendendo que:

(...) em se tratando de cultura, a dimensão biológica fica bastante obscurecida na medida em que é próprio da condição dos humanos a capacitação cultural como essencial à sobrevivência. É a cultura que humaniza a espécie, e o faz em sentidos muito diferentes. Através da comparação entre diversas sociedades, pode-se perceber que homens e mulheres são concebidos e modelados de maneira muito variada, salientando-se, assim, a fraca indicação que a natureza desempenha na definição de comportamentos sociais.

Cabe aqui uma reflexão acerca da cultura, entendendo que o processo binário que acontece na sociedade, parte de uma cultura que determina essa ação, elaborando padrões, convicções e comportamento, estabelecendo o que é permitido ou não.

Algumas crianças mostravam desenhos fora do dito “padrão social” concomitante a isso, outras crianças acabavam criando um clima de deboche e de certa forma um tanto discriminatório, fazendo uma ligação da produção com a de realmente ser, mostrando que o que estava sendo apresentado era negativo. Isso

tem uma ligação direta também com a sua construção, a forma como somos ensinados influencia nas nossas ações. De acordo com Heilborn (2002, p.78), “as escolhas e preferências dos indivíduos são socialmente fabricadas, essas escolhas, originam-se da ordem de valores do grupo social no qual ele foi criado e vive, marcam fronteiras entre os indivíduos, mas também entre os grupos sociais”.

Quando a ação era a escolha de jogos e times, o binarismo mais uma vez se fez presente já na parte inicial da atividade, pois os jogos principais escolhidos pelas crianças foram futebol pelos meninos e caçador pelas meninas. Esses jogos são culturalmente ditos “jogos femininos e masculinos”. Para Silva et al. (2006), esse processo acontece frequentemente com base no impacto e desafios que esses jogos apresentam e uma vez que o grau desses dois fatores destina o que é para um ou para outro, levando em consideração as características físicas, designando a força como um atributo masculino. Jaeger (2017) argumenta que a sociedade impõe que “o homem seja bravo, forte, disciplinador, enquanto que se acredita que a mulher tenha o coração “mole”, seja frágil e terna. Tais representações acabam reproduzidas nas práticas escolares.” A fala de uma criança que sustenta essa afirmação, quando diz:

- Professora futebol é pra menino né, por que menino tem mais jogo de corpo são mais rápidos e meninas são mais lerdas, delicadas, não sabem chutar uma bola direito, por isso que pode separar o time, eu e os guris contra as meninas e mais esse outro aí que é meio veadinho e não sabe jogar. (Cristiano Ronaldo)

Esta fala representa a ideia que está enraizada na vida de diferentes pessoas e passam isso para os seus aprendizes. O “Cristiano Ronaldo” aprendeu dessa forma e reproduz isso. Talvez nunca tenha sido questionado a fazer uma reflexão sobre esse pensamento, pois no contexto onde ele se encontra essas ideias também se fazem presente e isso aparece quando se encontram no ambiente escolar, porém, enquanto a escola permanecer sustentando essa condição de poder de um sexo sobre o outro como por exemplo, nos esportes, na organização da sala de aula, na organização das filas, na definição de comportamento adequado, o processo de equilíbrio sexista continuará latente.

As ações pedagógicas se contradizem, quando se referem ao binarismo, pois se de um lado, lutam contra o preconceito, discriminação e desigualdade, em contrapartida reafirmam quando relacionam as atividades ao raciocínio e agilidade

para os meninos e decoração e limpeza para as meninas, também sugestão de que em festas os meninos tragam bebidas e as meninas tragam comidas, bem como os rótulos em relação ao seu comportamento. Não percebendo essas ações ou as ignorando, as/os professoras/es estão reafirmando o preconceito. Nessa compreensão, Aquino (1998, p. 102-103) afirma:

O ambiente escolar pode reproduzir imagens negativas e preconceituosas, por exemplo, quando professores relacionam o rendimento de suas alunas ao esforço e ao bom comportamento, ou quando as tratam apenas como esforçadas e quase nunca como potencialmente brilhantes, capazes de ousadia e lideranças.

De acordo com Aquino (1998) perante essa contradição nas ações que a escola apresenta, percebida muitas vezes como agente de transformação social e outras vezes como limitada, demanda a importância da sua atuação, dificultando ou até impedindo que o binarismo aconteça em prol da superação da subordinação de gênero, combatendo a desigualdade.

Esse paradigma binário vem se mantendo de uma maneira geral, não somente na escola, mas refletido ainda sobre a fala de “Cristiano Ronaldo” quando por exemplo formos pensar no futebol feminino. Não existe prestígio social e a mídia não parece fazer questão que tenha, o avanço nessa categoria é muito pouco, é por época que o futebol feminino aparece, assim como ainda não foi aberto espaço para árbitro principal, somente auxiliar “bandeirinha” e a repórter esportiva, assim como tantas outras profissões. No momento em que uma sociedade se constrói caracterizando coisas e pessoas e conseqüentemente as separando, isso tem o seu reflexo em diferentes espaços onde existe uma interação entre as pessoas e dentro da sala de aula não poderia ser diferente. Quando se pede para caracterizar diferentes elementos e pessoas, aparecem nas falas:

–Professora, é mais comum mulher brincar de boneca mas não homem, né. “Mulher pode até brincar de carrinho, mas homem de boneca fica estranho, eu nunca vi, eu e os meus primos até brincamos juntos, mas eles com as coisas deles e eu com as minhas”.(Alice)

-Professora na verdade acho que pra não passar vergonha homem não pode chorar né? Eu acho normal mas eu sei que tem gente que debocha!(Bela)

-Professora todo mundo fala que pode brincar e pah, mas na real que se o menino diz que brinca de boneca, todo mundo debocha, daí ninguém fala que brinca pra não passar vergonha porque não é normal. (MC)

-Profe brincar eu brinco de tudo, mas a minha mãe não gosta, quando vê que eu “tô” brincando de carrinho ela me pergunta se não sei brincar de boneca; (Rabetânia)

-Eu não gosto de boneca, minha mãe até desistiu de me dar por que eu risco e quebro, ninguém merece boneca, não tem graça.(Joaninha)

De acordo com Kishimoto (2008), os brinquedos e as brincadeiras têm relevância na construção da identidade de gênero nas crianças, já que elas escolhem por gênero e por sexo, gerando seus estereótipos. Essas escolhas têm o ponto de partida no contexto em que estão inseridas, principalmente no familiar. A autora compreende que se são os pais que fazem as primeiras escolhas dos brinquedos para suas crianças, eles mesmos encaminham o ambiente que querem.

No que diz respeito às características das pessoas, o estereótipo se exhibe no comportamento estipulado para meninos e meninas, e o que está fora deste padrão imposto, pode ser facilmente ridicularizado por outras pessoas. E isso não poderia ser diferente no ambiente escolar que muitas vezes reproduz, através de suas ações, os estereótipos. Segundo Zenhas (2007) os estereótipos são estabelecidos principalmente a partir contexto familiar e da escola, onde são transmitidos valores e convicções, baseando-se em suas crenças, características e comportamentos ao longo de um processo de socialização. Exemplifico essa ideia com a fala das crianças que ao longo das aulas, e em diferentes situações:

-Para de chorar meu, parece uma mulherzinha;(Mc)
 -Essa guria parece uma machorra de tão grossa que é, tá até engrossando a voz pra falar que nem homem professora;(Cristiano Ronaldo)
 -Tem homem que usa rosa pra dizer que é veado mesmo né;(Mc Bruninho)
 -Sora, o corpo da mulher é diferente do homem né (risos)Oh! viu sora são tudo maliciosos, mas eu digo, mulher tem seio homem não tem, mulher é mais redonda, mesmo as magras né!(Mc)
 - Profe homens e mulher são bem diferente mesmo né, eu queria ser homem, homem pode tudo e a mulher não pode nada.(Rabetânia)
 -Professora, geralmente a mulher é mais sensível que o homem né?!(Bela)
 -Eu não uso brinco, sou macho que nem meu pai;(Cristiano Ronaldo)
 -Menino é mais bobão né professora, não tem responsabilidade com nada, leva tudo na brincadeira, eu sei por que meu irmão é assim, minha mãe diz pra não dar bola, que homem é assim mesmo, mas é ele é chato.(Bela)

Poderia citar aqui inúmeras expressões que se apresentam através da linguagem das crianças, que mostram o binarismo de gênero. Segundo Richard Parker (1991, p. 67):

[...] é na linguagem do cotidiano que [...] os entendimentos mais proeminentes de masculinidade e feminilidade são primeiramente construídos. É nas expressões, termos e metáforas utilizados para falar do corpo e suas práticas que as relações da criança com a realidade começam a tomar forma e que os sentidos associados ao gênero na vida brasileira são mais poderosamente expressos.

Refletindo sobre a fala das/os alunas/os é possível perceber a necessidade de discutir sobre essa educação machista que se apresenta, possibilitando momento de reflexão na sala de aula. Belloti (1975) assegura que a educação tem um significativo papel na aprendizagem de costumes e regras culturais. Rocha (1998) considera que os responsáveis pelas crianças, determinam que meninas e meninos desempenhem comportamentos específicos para o sexo feminino ou masculino em um processo educativo. Segundo Souza (2006, p.121): “os estereótipos atravessam a construção do que é ser menino e menina, a qual não se explica como um fato exclusivamente escolar, mas converte-se em um fato social”.

Ainda sobre a fala dessas crianças e pensar que cada uma carrega consigo uma bagagem familiar/cultural, é preciso repensar em ações que possam ser desenvolvidas atingindo esses contextos para além da escola, algo que possa influenciar na educação, para um futuro com menos desigualdade, jogo de poder e discriminação. Atualmente, já encontramos páginas na internet que auxiliam na desconstrução do machismo na educação dos meninos, um exemplo é a página como “Já falou para seu menino hoje?”⁸, traz um contraponto para refletir e educar os meninos em outras perspectiva, dando dicas para promover a igualdade no dia-a-dia, incentivando as famílias e educadores a conversarem com os meninos mostrando-os que podem expressar seus sentimentos, suas fragilidades sem serem agredidos. É notável que cresceu o número de campanhas que pretendem contrapor a educação machista, exibindo também frases nos diferentes meios de comunicação que possibilitam a reflexão deste tema, atingindo diferentes lugares, culturas.

Nessa perspectiva que, ao apresentar a quarta atividade, ou seja, o vídeo “Desafio da Igualdade”, a linguagem que ali se apresentava era de acordo com a realidade das crianças e gerou reflexões acerca do que acontece em seus ambientes familiares, trazendo discussões pertinentes para a sala de aula. Na fala de diferentes crianças era possível perceber o incômodo que algumas situações geravam, como por exemplo:

-Professora, fico com raiva, pois, na minha casa é só eu que limpo a casa, o meu irmão não, a mãe só fala que homem não sabe limpar direito;(Rabetânia)
-Geralmente é mulher que limpa a casa né professora, homem trabalha, o meu pai mesmo passa o dia fora;(Bela)
-Eu queria ajudar a minha mãe, mas ela só manda eu limpar os lixos, minha irmã que tem que fazer o resto;(Cebolinha)
-Professora, eu que tenho que cuidar do meu irmão mais novo, o meu outro irmão que é mais velho que eu, não pode nunca, fica sempre mexendo no celular.(Adrielle)

⁸A iniciativa virtual é da pedagoga **Caroline Arcari**, presidente do Instituto CORES, e da psicóloga Nathalia Borges, coordenadora do projeto de relações de gênero na EscoladeSer <https://lunetas.com.br/ja-falou-para-seu-menino-hoje-incentiva-familias-a-conversarem-sobre-igualdade-de-genero>

Esse vídeo pode ter contribuído para atingir ainda mais o objetivo da intervenção, pois as próprias crianças problematizaram as questões de gênero, relacionando com o seu cotidiano. O que nota-se que essa temática atinge grandes proporções, como por exemplo, o trabalho, o trabalho doméstico e o papel do homem e da mulher na sociedade.

Existe uma luta constante com relação à igualdade de gênero, de direitos das mulheres, desconstruções de paradigmas, enfim a sociedade vai se desenvolvendo e se mobilizando para que diminua essa diferença que existe entre as pessoas, porém, pensando na fala dessas alunas/os é preciso reconhecer que é preciso avançar ainda mais, para que essas situações não perpetuem.

No que se refere à fala da aluna sobre trabalhar, Hirata e Kergoat (2007) postulam que existe uma divisão sexual⁹ do trabalho a partir de dois princípios: primeiro o da separação, que estabelece trabalho de homem e de mulher e o segundo que é o hierárquico: o trabalho do homem vale mais que o da mulher. De uma forma cultural, em situações cotidianas, é possível escutar que: “homens trabalham mais que as mulheres, trabalha com serviço serviços braçais por isso se cansam mais” e por este motivo deixam de fazer a sua parte nas tarefas domésticas. Hirata e Kergoat (2007) afirmam que existem dois modelos de trabalho doméstico:

No "modelo tradicional": papel na família e papel doméstico assumidos inteiramente pelas mulheres, e o papel de "provedor" sendo atribuído aos homens. No "modelo de conciliação": cabe quase que exclusivamente às mulheres conciliar vida familiar e vida profissional.

De acordo com as autoras, no dia-a-dia, mulheres e homens desenvolvem papéis que partem de valores e padrões culturais construídos pela sociedade. A fala das/os alunas/os representa essa construção, uma vez que desde a sua infância, já existe essa divisão.

Ao realizar a discussão partindo do que observaram no vídeo, desencadearam também outras como: *Quem disse que não pode?* Kunzru (2000, p. 28) afirma que: “Por gerações foi dito às mulheres que elas eram fracas, submissas, extremamente emocionais e incapazes do pensamento abstrato”. Contudo, não há

⁹ O termo "divisão sexual do trabalho" aplica-se na França a duas acepções de conteúdos distintos. Trata-se, de um lado, de uma acepção sociográfica: estuda-se a distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho, nos ofícios e nas profissões, e as variações no tempo e no espaço dessa distribuição; e se analisa como ela se associa à divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos (HIRATA E KERGOAT 2007).

uma arquitetura natural, especificando que nada pode ser mudado e sim, “tudo pode ser escolhido, desde lavar os pratos até legislar sobre a Constituição” (KUNZRU, 2000, p. 28). E essa ideia também é apresentada aos homens que, em diferentes episódios, são rotulados por não seguir um padrão de comportamento aceitável pela sociedade. Esses rótulos forçam as pessoas em geral a desconsiderarem suas próprias vontades, o que pode desencadear comportamentos diferentes do seu próprio ideal, passando por um papel que é forçado, que não lhe cabe, porém a orientação sempre foi a mesma, e sair fora desse padrão acarreta consequências que muitas vezes tem uma carga maior do que seus próprios sentimentos. As pessoas podem independente se for homem ou mulher, viver a partir de suas escolhas, e quando se pergunta “quem disse que não pode?”, as falas vêm logo corroborando:

-“*Quem disse que menina não pode jogar futebol professora?*”;(Bela)
 -“*Quem disse que homem não chora, não se emociona? Homem também tem sentimento, meu pai chora e ele não é gay por isso!*”(Alice)
 - *Quem disse que menino não usa brinco?*(Cristiano Ronaldo)
 -*Ah eu acho que é veado quem usa brinco!*(Janelinha)
 -*Ah então amanhã eu vou vim com a orelha furada, quero ver se alguém vai me chamar assim, vai tomali*”(Mc)
 -“*Quem disse que menino não pode usar saia?*”(Cebolinha)
 -“*Quem disse que é só mulher que limpa a casa?*”(Joaninha)
 -“*Quem disse que homem não usa tiara?*”(Zé)
 -“*Quem disse que menina não usa boné?*” (Bela)
 -“*Quem disse que toda mulher gosta de rosa? Eu odeio rosa professora!*”(Rabetânia)

Ao descreverem todas essas implicações, as crianças questionavam umas as outras, e explicavam quando escutavam uma expressão: *mas isso não pode!* Logo a resposta antes da explicação era: *Tá e quem disse que não pode? Onde tá escrito?*, o que me fez perceber que eles tinham sido provocados por essas frases de imposição, de não poder alguma coisa, arriscando-me a dizer que neste momento já faziam uma reflexão sobre esses padrões que tinham sido ensinados. Segundo Gomes (1994, p. 58):

A família transmite às novas gerações, especialmente à criança, desde o nascimento, padrões de comportamento, hábitos, usos, costumes, valores, atitudes, um padrão de linguagem. Enfim, maneiras de pensar, de se expressar, de sentir, de agir e de reagir que lhe são próprios, naturais. Não bastasse tudo isso, ela ainda promove a construção das bases da subjetividade, da personalidade e da identidade. Deriva disso a enorme importância da família tendo em vista a vida futura de cada criança: ela, a família, constrói os alicerces do adulto futuro.

É interessante observar que através dos questionamentos e provocações, surgiram inquietações nas crianças, e conseqüentemente a problematização dos próprios conceitos que haviam aprendido em outros contextos. Acredito que seja esse um dos papéis da educação, trazer momentos que possibilitem mudanças conceituais e isso contribui para a desconstrução do binarismo.

Ainda sobre o vídeo, seu conteúdo era diferente e atrativo para as crianças, o que permitiu que ficassem todos atentos, e isso seria importante para desenvolver a sequência da atividade, que seria feita através de desenhos sobre as profissões. Os primeiros esboços dos desenhos já mostravam alguns binarismos entre as profissões ditas masculinas ou femininas, porém através da conversa que o grupo mantinha no decorrer da atividade, muitos colegas perceberam o que o outro estava fazendo ou dizendo e foram influenciados, possibilitando mesmo que através de uma forma imitativa, desenhar diferentes profissões sem distinção. Segundo Negrine (2002, p. 70):

A imitação é um ingrediente fundamental no processo de aprendizagem. As crianças colocadas em situações espontâneas, isto é, em situações pedagógicas em que se permite que elas explorem e interajam com materiais e objetos variados, costumam servir de modelo aos seus pares. Também, nessas situações, copiam modelos dos iguais que interagem com elas no mesmo espaço onde se realiza uma determinada atividade.

Pensando nas ideias de Negrine, acredito que o ato de imitar o colega ajuda a desenvolver diferentes habilidades, como o senso crítico, a reflexão e a tomada de decisão, contribuindo para o desenvolvimento da aprendizagem. Nessas atividades foi possível perceber que por vezes as crianças seguem os padrões que a sociedade impõe, entrelaçadas nos ensinamentos da família, mas sem percebê-las, muitas vezes se questionavam sobre algum conceito pré-estabelecido.

As concepções que envolvem o binarismo vão se produzindo ao longo da vida em um processo de reprodução, e as pessoas vão se apropriando, aceitando, rejeitando ou dando outro significado. Nessa perspectiva acredito que a escola

propicia um espaço que pode reforçá-lo ou desconstruí-lo, mas para isso é preciso que a educação invista em um processo de mudança. É preciso buscar novas ferramentas para trabalhar com essa demanda que faz parte do cotidiano escolar.

Finalizo esta categoria percebendo o quanto diferentes ações que ocorrem diariamente enraízam ainda mais os estereótipos impostos por uma sociedade desigual, e essas raízes puderam ser percebidas através de falas ou até mesmo no desenho. O que me levou a refletir sobre a importância de desenvolver atividades que possibilitem colocar o binarismo de gênero em evidência, para que esses possam ser enfrentados de uma maneira clara e consciente assim como outras questões de gênero que aparecerem no cotidiano da sala de aula.

5.2 É possível discutir gênero na sala de aula? Tecendo algumas possibilidades na prática pedagógica

“Minha mãe disse que sou muito nova para conversar esse tipo de assunto”
(Joaninha)

Começo essa categoria, refletindo sobre a fala desta aluna, após a reunião com os pais. Neste dia, precisava recolher as autorizações para trabalhar com atividades para a Mostra Cultural sobre Diversidade Sexual e de Gênero da Fundação Universidade do Rio Grande¹⁰, que convidou as escolas da cidade para participarem com produções das/os alunas/os. Outras alunas também relataram assim : *“-minha mãe disse que isso não é assunto para criança”*; *“eu não quero fazer isso, minha mãe me explicou, mas achou que não é para a minha idade, e eu também acho”*. Lembro que eu fiquei bem decepcionada, pois de toda a turma, só um aluno me entregou e disse que a mãe nem leu, só assinou. Por este motivo

¹⁰ O Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - GESE – da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) na VI Mostra Cultural sobre Diversidade Sexual e de Gênero - 2018, que elege as produções que mais se destacarem nas temáticas de diversidade sexual e de gênero. A Mostra tem como objetivo contribuir com a promoção da equidade de gênero e a cidadania da população LGBT através da produção e difusão de informações importantes à comunidade sobre as questões relativas aos gêneros e às sexualidades e promover discussões acerca dessas questões para a minimização das representações e preconceitos atribuídos às mulheres e aos sujeitos LGBT. O/a participante autorizará o uso gratuito e livre, sem qualquer ônus ou encargo, de seu nome, de sua imagem e de sua voz, permitindo o uso do vídeo, desenho ou poesia do concurso, em quaisquer materiais de divulgação que se fizerem necessários, tais como: agenda escolar e acadêmica, adesivos, cartazes, marcadores de livros, entre outros, bem como sua publicação na internet, por prazo indeterminado. Os/as participantes assinarão um termo de autorização de uso de obras, no momento da inscrição, cedendo os direitos de publicação de suas produções ao Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola.

resolvi fazer uma conversa com a turma, sobre os temas que eram abordados nessa Mostra como: combate à violência contra mulheres e homens; enfrentamento à homofobia; promoção da equidade de gênero; promoção da cidadania LGBT; igualdade de direitos entre homens e mulheres; discriminação e prevenção ao HIV/Aids e drogas. E em todos os assuntos as alunas/os contribuíram com alguma história que acontecia na família, no bairro ou viram na televisão. Após essa conversa, expliquei que todos aqueles assuntos que tínhamos conversado fazia parte das relações de gênero, temática essa que fazia parte do nosso dia-a-dia. Segundo Simão, (2013, p. 947) “tão importante como compreender o que as crianças sabem sobre gênero, é compreender o uso que elas dão a esse conhecimento nas relações que estabelecem com seus pares e também com os adultos”.

Em diferentes situações e comportamentos que apareciam na turma e da resistência das/os responsáveis, eu pensava que era preciso problematizar mais, ser mais específica, não deixar passar algo que poderia ser repensado, porém teria que traçar um caminho que chamasse a atenção das crianças de uma forma agradável. É nessa perspectiva que desenvolvi esta categoria a partir da ideia de que era possível abordar essa temática tão grandiosa levando em consideração a realidade e o interesse das crianças percebidas através das minhas observações e registros diários. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica:

A observação sistemática, crítica e criativa (...) das brincadeiras e interações entre as crianças no cotidiano, e a utilização de múltiplos registros (...) ao longo do período em diversificados momentos, são condições necessárias para compreender como a criança se apropria de modos de agir, sentir e pensar culturalmente constituídos. Conhecer as preferências das crianças, a forma delas participarem nas atividades, seus parceiros prediletos para a realização de diferentes tipos de tarefas, suas narrativas, pode ajudar o professor a reorganizar as atividades de modo mais adequado ao alcance dos propósitos infantis e das aprendizagens coletivamente trabalhadas (BRASIL, 2013, p. 95).

A partir da ideia de que faria o meu melhor para deixar nossos momentos agradáveis, imaginava desenvolver algo que fosse leve, atendendo às expectativas que a turma depositou nas atividades e, assim, constituindo-me como docente e pesquisadora. Ancoro-me nas palavras de Freire (2007, p. 41), que lembra:

A natureza formadora da docência, que não poderia reduzir-se a puro processo técnico e mecânico de transferir conhecimentos, enfatiza a exigência ético-democrática do respeito ao pensamento, aos gostos, aos receios, aos desejos, à curiosidade dos educandos.

Dessa forma planejei as atividades pensando nas crianças, acreditando que se elas gostassem das ações que faríamos, nosso processo educativo teria mais eficácia para ambas as partes. Considero que abordamos as relações de gênero, nos pequenos detalhes na prática pedagógica, por exemplo, na nossa turma, não ficamos separados na fila, cada um fica onde se sente melhor. Para desconstruir essa ideia de fila de menino e de menina, antes fazíamos uma fila só, depois a turma mesmo foi construindo a ideia de ficar em duas filas mistas, e quando eram repreendidos por outras/os colegas, elas/es argumentavam que não existia essa separação nas filas. Porém a escola não tem a mesma linguagem, o que prevalece é a reprodução de algo que nos foi ensinado na formação. Louro (1997, p.57) explica que “a escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas”.

As abordagens que fizemos entrelaçando com as questões de gênero foram atividades que envolviam a criação de personagens, nomes, profissões, características, esporte, desafios e percepções de modos de ser menina e menino. A seguir discuto com alguns autores sobre cada abordagem.

Considerando a ideia de que a turma gostava de desenhar, pintar, criar, imitar, relacionei-os com a escrita, apoie-me nesses elementos e propus uma atividade: criar um personagem que podia expressar o que quisesse, ancorando-me na ideia de Marcelino (1996, p. 38) que afirma ser:

fundamental que se assegure à criança o tempo e os espaços para que o caráter lúdico do lazer seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida para a criatividade e a participação cultural e, sobretudo para o exercício do prazer de viver, e viver, como diz a canção... como se fora brincadeira de roda...

Durante essa atividade, conversamos sobre os padrões sociais que seguimos, reforcei que a ideia era desenhar livremente, sem precisar imitar algum personagem real, porém percebi em algumas falas, que ainda estavam presas na

ideia de que teriam que fazer dentro de algum estereótipo. Para Pereira (2002, p. 52), o emprego do termo estereótipo, tem relação a imagem social de indivíduos sobre um grupo e também “elementos inerentes à própria sociedade, amplamente compartilhados pelas pessoas que convivem no interior de uma mesma cultura”. Etimologicamente, a locução estereótipo tem origem grega, é o mesmo que stereo (rígido) e tipo (traço), e refere-se a permanecer fixo, não possa alterar (Ferreira, 2000). A sociedade reproduz estereótipos a fim de manter as pessoas alienadas, dentro de um padrão. Porém o papel da escola é possibilitar o acesso e a formação de todos, sem padrões estabelecidos.

Segundo Melo (2004, p. 252), quando estereótipo está associado ao gênero, classificam a personalidade e ainda argumenta que:

[...] em dois grandes grupos segundo a similaridade do traço com a construção sociocultural dos conceitos de masculinidade e feminilidade. Assim, traços individualistas ou instrumentais (por exemplo: independente, agressivo, racional) caracterizam-se como sendo pertinentes à masculinidade e traços coletivistas ou expressivos (por exemplo: amorosa, sensível, delicada) como pertinentes à feminilidade.

Quando falamos em nomes, existe a discriminação de gênero, que separa nomes ditos “femininos” e “masculinos”. Nossas discussões levaram um pensamento crítico referente aos diferentes tipos de nomes, faziam indagações uns aos outros sobre como chegaram a conclusão que o nome de menina tinha que terminar com “a” e do menino com “o” e também outros nomes que poderiam ser para ambos, na sequência lembraram da história do seu nome e quem os escolheu. Na ocasião foram escolhidos os nomes dos personagens juntamente com a história de cada um. Linck (2009, p. 5) compreende que:

Os nomes que recebemos não foram escolhidos por nós, mas atribuídos por nossos pais, parentes, ou amigos. Pode-se considerar que nossos nomes também foram escolhidos, levando em conta a época vivenciada, as questões culturais, as experiências vividas, ou até os fatos históricos que foram marcantes.

Ao falarem a história de seus nomes, a turma conseguiu chegar a conclusão de que cada um tem uma história pra contar do seu nome, o que concorda com a citação acima, os nomes podem estar associados em diferentes fatores. Quando solicitei que determinasse um nome para o seu personagem, alguns

associaram o nome a fama e dinheiro, como foi escolhido o “Cristiano Ronaldo e os Mcs”.

Na sequência, a atividade envolveu o esporte. Estabelecer os times foi o maior obstáculo, pois as diferenças físicas e sexuais prevaleciam e faziam a divisão automaticamente dessa forma, assim como aspectos culturais também eram expostos como: os meninos com futebol e as meninas com caçador, Para Louro (1997, p. 75) “gostar de futebol é considerado quase uma obrigação para qualquer garoto normal e sadio”. Ainda segundo a autora, (1997, p.79):

A separação de meninos e meninas é, então muitas vezes, estimulada pelas atividades escolares, que dividem grupos de estudo ou que propõem competições. Ela também é provocada, por exemplo, nas brincadeiras que ridicularizam garoto, chamando-o de —menininha, ou nas perseguições de bandos de meninas por bandos de garotos.

É preciso ficar atenta a essa separação, porém de modo geral, meninas e meninos buscaram pares para realizar a brincadeira, porém um dos acordos que fizemos seria de que os times seriam mistos. A aproximação justifica-se pela conveniência de partilhar com um afim o mesmo espaço da ação. Essa necessidade inicia o “processo de socialização da criança, tanto na comunicação que evolui paulatinamente, como na aquisição de habilidades de cada um” (NEGRINE e NEGRINE, 2010, p. 142).

Os materiais que algumas vezes utilizamos para desenvolver a atividade, também possibilitaram pensar nas relações de gênero, pois ao vivenciar tocar em tinta com os dedos, alguns sentimentos foram expressados e alguns conceitos foram aparecendo, como exemplo: “-*menina tem nojo de tudo, né professora, é muito delicada*”(Cristiano Ronaldo). Essa expressão elucida a ideia de que menina é mais delicada, frágil. De acordo com Manning (1977, p. 76):

Logo depois de nascidos, os bebês são manipulados com mais delicadeza quando são meninas, e com um pouco mais de rudeza quando são meninos. Já se provou que as mães conversam freqüentemente com suas filhas, são mais propensas a amamentá-las no seio e lhes demonstrar fisicamente um carinho que não demonstram aos filhos da mesma maneira. Enquanto as meninas parecem encorajadas a se mostrar afetuosas, calmas e sociáveis, espera-se que os meninos sejam independentes, ativos e barulhentos.

Essa é uma ideia que rotula as meninas, colocando todas em um mesmo padrão de inferioridade. No entanto a expressão deste menino, instigou que outras meninas fossem contra essa ideia, afirmando que não tinham nojo e mostravam, colocando os dedos na tinta e estimulando outras meninas a fazerem o mesmo, “provocando situações de aprendizagem, por intermédio de novos modelos” (FALKENBACH, 2002, p. 45).

Em todas as atividades as crianças ficavam em pequenos grupos, e atividades como essa pareciam que eles estavam brincando de decorar, combinavam e repetiam movimentos. A partir dessa “brincadeira” livre as crianças conseguem construir suas identidades pois operam “descompromissada em relação a juízos de valores e desvincilhada de rótulos atribuídos a certos estereótipos de comportamento” (NEGRINE e NEGRINE, 2010, p. 139).

As relações de gênero envolvem também características a ideia era de que a turma pudesse livremente caracterizar seus personagens, o que desencadeou discussões, possibilitando a percepção da liberdade que expressaram em defesa de seus personagens, tornando-se importantes protagonistas de suas produções. Conforma Vasconcellos (2007, p. 77):

Se queremos uma escola libertadora, é absolutamente decisivo que os alunos assumam seu papel de sujeitos, que sejam protagonistas do seu processo de educação, superando a longa tradição da maquinaria escolar que tenta, de todas as formas, ainda que com a melhor das boas intenções, reduzi-los a meros ‘receptáculos’. Sendo assim, o aluno tem preservado o direito de participar de sua vida escolar e o professor exime-se da função de cercear a voz do aluno e passa a valorizá-la, aproveitando este canal para aproximá-los dos objetivos formativos e educacionais, trazendo, para ambos, crescimento mútuo.

A partir dessa ação, houve uma problematização das características que são padronizadas culturalmente pela sociedade, expressando comportamentos críticos e conscientes de sua própria produção. Para Freire (1980, p. 37), “a conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a ‘des-vela’ para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante”. Nesta atividade as características humanas entrelaçaram as relações de gênero, assim como o conteúdo obrigatório do quarto ano. Nota-se que trabalhar com essa temática não significa deixar de trabalhar com determinada disciplina, e sim pela sua riqueza é possível adaptá-la.

Acreditando que o uso de alguns recursos didáticos possibilitam capturar por mais tempo a atenção das/os alunas/os que usei um vídeo para desenvolver três atividades que compõem as relações de gênero. A utilização desse artefato cultural, propiciou que surgissem mais discussão ao final do vídeo, as/os alunas/os prestaram atenção em pequenos detalhes e problematizaram no grande grupo. Entendi que artefato cultural vem a ser uma construção social e, parte do entendimento de que são produções culturais, resultado de um processo de construção social (SILVA, 2009, p. 134). Esta ocasião emergiu comparações do vídeo com seu contexto familiar, possibilitando apresentar questões culturais que inquietavam as crianças, como discriminação das mulheres, violência sexual, modo de ser menino e , temáticas que entrelaçam as relações de gênero e rendem bastante discussões. Esta última originou outra atividade, a de descrever o que não pode para meninas e meninos. Em primeiro momento era possível escutar que menino não pode isso ou menina não pode aquilo, até que comecei a estimulá-los a pensar: *quem foi que disse que não pode? Onde está escrito isso?* E essa frase se instalou durante toda a atividade.

Foi possível perceber que as crianças interagiam entre si e questionavam uma as outras, repetindo a frase. Alguns vieram me perguntar o que eu pensava da opinião deles, porém os deixei livres para expressarem o que quisessem. Outros me perguntavam qual era o nome do acessório que as meninas colocam na cabeça, não sabiam o nome justificando que era coisa de menina, mas que alguns meninos com o cabelo comprido também usavam. O acessório era a tiara. Nessa atividade alguns meninos demonstraram um comportamento um tanto alterado quando relatava que usavam objetos ditos femininos, como por exemplo, os brincos. Segundo Finco (2010, p.27):

É perceptível que existem intensos esforços para que as crianças desenvolvam uma identidade de gênero feminina ou masculina – existe uma busca pelo desenvolvimento “normal” da masculinidade e da feminilidade. Há uma forte preocupação, na história dos estudos dos comportamentos masculinos e femininos durante a infância, com a necessidade de uma clara identidade de gênero, por se acreditar na “maleabilidade das identidades” das crianças pequenas.

Percebi que quando algumas meninas notavam que alguns fatos do vídeo também era a realidade delas, essas ficavam um tanto indignadas manifestando a

situação, desenvolver este tipo de trabalho pedagógico “possibilita que a criança fale sobre as relações de abrir um canal para a construção dos seus conhecimentos, por meio da mediação da educadora, utilizando-se, histórias e filmes[...]”. (CAMARGO; RIBEIRO, 1998, p.108).

Através do vídeo também foi possível fazer uma discussão com relação às profissões. Em uma sociedade que determina profissões masculinas e femininas, quando aparece esse tipo de temática na sala de aula, é preciso problematizar, quebrar esse paradigma, pois é ali também que a/o aluna/o estão descobrindo seus gostos e suas habilidades, porém, estão também presos em imposições culturais. Conforme Chies (2010) os estereótipos que envolvem as profissões tem origem em compreensões básicas de expectativas de cada um, ou seja, o que se espera de uma mulher e de um homem.

Termino esta categoria reafirmando que é possível trabalhar as relações de gênero com diferentes atividades, o que ligava elas era a produção que os alunos faziam para compor o álbum. Acredito que esta temática possa ser trabalhada em qualquer espaço na sala de aula, basta que tenha alguém que se disponha a organizar e problematizar as questões que aparecerem. Após apresento a conclusão do relatório pontuando alguns itens que complementaram a intervenção.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo problematizar as relações de gênero a partir das falas das/os alunas/os, na perspectiva de compreender o que dizem/pensam sobre a temática. No início da intervenção, acreditei que não avançaríamos muito com a compreensão da temática, pois muitos pareciam resistir em falar alguma coisa, porém o tempo foi passando e a cada intervenção eu notava as/os alunas/os mais envolvidos, fazendo reflexões e questionamentos, o que me deixa bem contente, pois acredito que o objetivo geral foi atingido, assim como os objetivos específicos tais como: discutir sobre as relações de gênero; participar de atividades, conversas e brincadeiras envolvendo as relações de gênero; observar e analisar os registros dos encontros com os alunos, o que pode ser percebido ao longo intervenção.

Sobre as categorias que surgiram da pesquisa, o resultado da análise de dados possibilitou duas vertentes, a primeira intitulada: Binarismos de Gênero e as

suas Repercussões para a educação, em que procurei apresentar diferentes situações de dentro e fora da sala de aula, através da fala das/os alunas/os, que definem a necessidade de discussão sobre gênero. O binarismo e os estereótipos se destacaram pelo acúmulo conceitual que se formou o que significa que ele persiste no cotidiano escolar e acredito no contexto familiar também assim como a questão de abordar as relações que entrelaçam o gênero, que por vezes perpassam e não são problematizadas.

A segunda categoria foi construída como uma pergunta: “É possível discutir gênero na sala de aula? Tecendo algumas possibilidades de abordagem”, e ao longo do texto vou mostrando as possibilidades de abordar esses temas, compreendendo que não é preciso ter uma atividade específica, mas também um olhar atento a demanda que a turma apresenta e trabalhar em cima da realidade, buscando autores que fortalecem a intervenção.

Metodologicamente, a pesquisa intervencionista do tipo pedagógica, oportunizou o desenvolvimento do meu papel como professora e pesquisadora, que necessita realizar as intervenções e coletar dados através dos instrumentos, que foram a observação e a análise documental. Dessa forma, na primeira fase da pesquisa foi possível desenvolver a intervenção com um olhar atento à ocorrência de falas e comportamentos que possibilitassem a problematização das relações de gênero. A partir das observações percebi que as problematizações que eram lançadas, logo as respostas não eram mais tão rápidas e muitas vezes falavam por impulso, por muitos havia uma reflexão do que iriam falar ou então me questionavam para saber minha opinião. A análise documental proporcionou a exposição dos entendimentos das crianças que se dedicaram para desenvolver cada atividade.

Com relação à intervenção desenvolvida com as crianças da turma do quarto ano do ensino fundamental da Escola Pedro Carlos Peixoto Primo, no ano de 2017, percebi que nossas discussões conseguiram produzir reflexões relevantes ao longo da intervenção, sobre os conceitos que até o momento haviam sido construídos através dos contextos social, familiar e escolar.

Acredito que esta pesquisa contribuiu para uma reflexão sobre a inserção da temática gênero como uma proposta de trabalho na sala de aula, usando uma metodologia com atividades diversificadas, para que seja um trabalho mais agradável para os sujeitos envolvidos. É preciso repensar sobre como as relações

de gênero acontecem no ambiente escolar e promover um espaço para que as diferentes questões que entrelaçam essa temática possam ser problematizadas.

O estudo que envolveu a pesquisa e a experiência de problematizar implicações que acontecem por quem defende as discussões de gênero na sala de aula trouxe algumas mudanças, entre elas: o reconhecimento da importância de não deixar passar situações e comportamentos que envolvem desigualdade e preconceito, pois a criança reproduz aquilo que ela aprende, que para ela é o certo, mas não recebeu de nenhum lado algum questionamento, uma reflexão. Também o cuidado em manter a atenção das crianças com atividades diversificadas dentro da realidade em que se está inserida e acreditar mais ainda que existe sempre um caminho para atingir nossos objetivos, se de uma maneira não se obteve progresso então é preciso observar e traçar novos caminhos.

Escrever um Relatório Crítico-Reflexivo é o momento de relacionar todas informações e estudo, agregar e viabilizar a discussão dessas informações com os autores que corroboram com a temática estudada. Foi um desafio pra mim organizar todas essas informações e compor a escrita e as análises.

Todo o processo que envolve a pesquisa do tipo intervenção pedagógica propõe a reflexão de que, enquanto pesquisadora, é possível ser mais atuante e trazer as demandas reais da escola para a universidade e assim, estabelecer um diálogo mais próximo e produtivo. Essa característica e diferença do mestrado profissional definiram a qualidade, a aprendizagem e a relevância da proposta e me sinto muito privilegiada de fazer parte desse processo.

REFERÊNCIAS

ÁLVAREZ-URÍA, F.; VARELA, J. (2009). **Sociología de las instituciones: bases sociales y culturales de la conducta**. Madrid: Morata

AQUINO, Juarez. C., **Diferenças e preconceitos na escola**. Alternativas teóricas e práticas. 4ªed. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

BARATA, Rita B. **Relações de gênero e saúde: desigualdade ou discriminação?** In: Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009. Temas em Saúde collection, pp. 73-94. ISBN Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 20 de maio/2017

BELTRÃO, Kaizô.I; ALVES, J.E.D. **A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX**. ABEP, 2004. Disponível em <http://www.metas2015.unb.br/Documentos/Educacao%20Universal/Reversao%20do%20hiato%20de%20genero%20na%20educacao.pdf>. Acesso em: 26 de maio/2017

BELOTTI, E. G. **Educar para a submissão: o descondicionamento da mulher**. Petrópolis: Vozes, 1975

BIRMAN, Joel. (Org.) **“O encontro entre a psicanálise e o feminino: singularidade e diferença**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002

BOGDAN, Robert. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.

_____, Judith. **Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo**. Cadernos pagu, n. 11, p. 11-42, 1998

_____, Judith. **Assuntos do Desejo: Reflexões hegelianas na França do século XX**. Nova York: Columbia University Press, 1987 (reimpressão em 1999)

BRANCO, Sandra. **Por que os meninos têm pés grandes e meninas têm pés pequenos?** São Paulo: Cortez, 2004.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CARREIRA, Daniel. [et al.]. **Gênero e educação: fortalecendo uma agenda para as políticas educacionais** São Paulo : Ação Educativa, Cladem, Ecos, Geledés, Fundação Carlos Chagas. 2016.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de e Ribeiro, Cláudia. **Sexualidade e infância: a sexualidade como tema transversal**. São Paulo: Moderna, 1999.

CHIES, Paula Viviane. **Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 507-528, Aug. 2010. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 de jun. 2018 <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2010000200013>.

DAMIANI, Magda. F. **Sobre pesquisas do tipo intervenção**. In: XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP – Campinas: Unicamp, 2012.

_____, Magda. F.; ROCHEFORT, Renato Siqueira; CASTRO, Rafael Fonseca de; DARIZ, Marion Rodrigues; PINHEIRO, Silvia Siqueira. **Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica**. Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPel. Pelotas, n. 45, p. 57-67, jul./ago. 2013.

DIAS, Cláudia Augusto. **Grupo Focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas**. Informação & Sociedade: Estudos. v. 10, n. 2. 2000. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/330/252>>. Acesso em 14 de março de 2017.

FALKENBACK, Atos Prinz. **A Educação Física na escola: uma experiência como professor**. Lajeado: UNIVATES, 2002.

FERREIRA, A. B. H. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FINCO, Daniela. **Educação Infantil, espaços de confronto e convívio com diferenças: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero**. 01/03/2010. Doutorado. (Educação), Universidade de São Paulo. 1v. 198p.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____, Paulo. **Política e educação**. 8 ed. Indaiatuba, SP: Villa das Letras, 2007. (Coleção Dizer a Palavra).

FRISON, Lourdes. M. B. **Portfólio na Educação Infantil**. Ciências & Letras, Porto Alegre, n. 43, p. 213-227, jan./jun. 2008.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GOMES, Jerusa. V. **Socialização primária: tarefa familiar?** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 91, p. 54-61, nov. 1994.

GROSSI, Miriam. P. **Identidade de gênero e sexualidade**. Estudos de Gênero. Cadernos de Área, n. 9, Programa Interdisciplinar da Mulher-Estudos e Pesquisas. Goiânia: UCG, 2000.

_____, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. 1998.

HEILBORN, Maria. **Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade**. Cadernos Cepia. Rio de Janeiro. v. 5, p. 73-92, 2002

HEILBORN, Maria. L. **Gênero: uma breve introdução**. In: NEVES, M. G. R.; COSTA, D. M. (Orgs.). Gênero e desenvolvimento institucional em ONGs. Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos Mulher e Políticas Públicas, IBAM. p. 9-13, 1995.

HIRATA, Helena e KERGOAT, Danièle. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho**. In: Cadernos de Pesquisa, v. 37 n. 132, p. 595-609, set/dez 2007.

JAEGER, Angelita Alice; JACQUES, Karine. **Masculinidades e docência na educação infantil**. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 545-570, Aug. 2017. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000200545&lng=en&nrm=iso>. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n2p545>. Acesso em 24 de maio de 2017

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; ONO, Andréia Tiemi. **Brinquedo, gênero e educação na brinquedoteca**. *Pro – Posições*. v. 19, n. 3 (57), set./ dez. 2008. Disponível

em: <<http://docslide.com.br/search/?q=Brinquedo%2C+g%C3%BAnero+e+educa%C3%A7%C3%A3o+na+brinquedoteca++Kishimoto%3B+Ono>>. Acesso em 19 de maio de 2017.

KUNZRU, Hari. **“Você é um ciborgue”**: um encontro com Donna Haraway. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do Eu e educação**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 35-86.

LINCK, Rosane Speggiorin. **Apelidos: marcadores identitários de jovens alunos**. In: Simpósio Internacional, 3 e Fórum nacional de Educação, 6., Torres. Políticas Públicas, Gestão da Educação, Formação e Atuação do Educador, 2009. p. 1-13.

LOURO, Guacira. L. **Nas redes do conceito de gênero**. In: Lopes, M.J.D.; Meyer, D>E>; Waldow, V.R., (orgs). *Gênero e saúde*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.

_____, Guacira. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____, Guacira. L. **Produzindo sujeitos masculinos e cristãos**. In Alfredo Veiga-Neto (Org.). *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995: 83-107.

_____, Guacira. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

Lüdke, Menga; ANDRÉ, Marli, E.D.A; **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo : EPU,1986.

MANNING, Sidney. A. **O desenvolvimento da criança e do adolescente.** São Paulo: Cultrix, 1977.

MARCELINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução.** Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1996.

MATOS, Maria. I. S. **Outras histórias: as mulheres e estudos dos gêneros-percursos e possibilidades** (Org.). In: _____. *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na história Contemporânea.* São Paulo: Educ. 1997.

MELO, Gislane. F.; GIAVONI, A.; TROCCOLI, B. T. **Estereótipos de gênero aplicados a mulheres atletas.** *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, v. 20, n. 3, p. 251-256, set.-dez. 2004.

MEYER,Dagmar. *Gênero e Educação: teoria e política.* In: LOURO, L. G.; NECKEL, F. J.; GOELLNER, V. S. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.* Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27.

_____, Dagmar; SOARES, Rosângela **“Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão”**, in: ____ (orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade.* Porto Alegre: Mediação 2004.

MINAYO, Maria. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MURCIA, Juan Antonio Moreno (Org.). **Aprendizagem através do jogo.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

NASCIMENTO, Juciene Moura de; AMARAL, Edenia Maria Ribeiro do. O papel das interações sociais e de atividades propostas para o ensino-aprendizagem de conceitos químicos. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru , v. 18, n. 3, p. 575-592, 2012 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132012000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 Maio de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132012000300006>.

NEGRINE, Airton. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil.** Porto Alegre: PRODIL, 1994.

_____,Airton.Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS, Nivaldo Silva; NETO, Vicente Molina. (org.) **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS/ Sulina, 1999. p. 61-93.

_____,Airton. **O corpo na Educação Infantil.** Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

NEGRINE, Airton; NEGRINE, Cristiane Soster. **Educação Infantil: pensando, refletindo, propondo.** Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2010.

PARKER, Richard. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

PEREIRA, Marcos. E. **Psicologia social dos estereótipos**. São Paulo: EPU, 2002.

PULCINO, Rachel.; PINHO,R.; e ANDRADE, M., **Papéis e identidades de gênero no cotidiano escolar: a percepção dos/as jovens sobre as relações entre os sexos**. Em Aberto, Brasília, v. 27, n. 92, p. 127-146, jul./dez. 2014.

QUADRADO, Raquel Pereira, MAGALHÃES, Joanalira Corpes (Orgs.) **Teencontrei: onde a gurizada se encontra**. Rio Grande: FURG, 2011.

RIBEIRO, Paula. R. C.; SOARES, G. F.. **As identidades de gênero**. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.). **Corpos, gêneros e sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar**. Caderno Pedagógico Anos Iniciais. Rio Grande: Editora da FURG, 2007, p.26-29.

RIBEIRO, P.R.C. (Org.) ; MAGALHAES, J. C. (Org.) ; Rizza, Juliana L. (Org.) . **Histórias de Maria: escola**. 1. ed. Rio Grande: Editora da FURG, 2016. 44pp .

ROIZ, Diogo. da S.. **A história das relações de gênero, histórias em construção**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis , v. 19, n. 3, p. 1012-1013, Dec. 2011; Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000300020&lng=en&nrm=iso>. access on 13 Maio 2017.

ROCHA, Cristianne. M. F. **O espaço escolar em revista: práticas que produzem discursos e/ou discursos que produzem práticas**. (Monografia). Porto Alegre: UFRGS/Faced/ PPGEDU, 1998.

SÁ-CHAVES, I. **Portfólios reflexivos: estratégias de formação e de supervisão**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2000.

SAFFIOTI, Heleieth.I. B. **Rearticulando gênero e classe social**. In: OLVEIRA, A.; BRUSCINI, C. (Org.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 183-215

SANTOS, Monica. P.; PAULINO, M.M. **Inclusão em Educação: uma visão geral**. In: SANTOS, M. P.; PAULINO, M.M. (Org.). **Inclusão em Educação: culturas, políticas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2006, p. 11-15.

SILVA, Lúcia; PONTES, Fernando; SILVA, Sarah; MAGALHÃES, Celina; BICHARA, Ilka. **Diferenças de gêneros nos grupos de brincadeira na rua: a hipótese de aproximação unilateral**. Psicol. Reflex. Crit., Porto Alegre, v.19, n. 1, 2006.

SILVA Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 156 p.

SILVA, Fabiane.F.; RIBEIRO,P.R.C.; **Contando e ouvindo histórias: educação**

escolarizada, mulheres e gênero. Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [34]: 183 - 204, setembro/dezembro 2009.

SIMÃO, Márcia Buss. **Gênero como possibilidade ou limite da ação social: um olhar sobre a perspectiva de crianças pequenas em um contexto de educação infantil.** Revista 12 38ª Reunião Nacional da ANPEd – 01 a 05 de outubro de 2017 – UFMA – São Luís/MA Brasileira de Educação. [s/l], v. 18, n.55, p. 939-1064, out./dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n55/08.pdf> Acesso em junho/2018.

SOUZA, Fabiana. C. **Meninos e meninas na escola: um encontro possível?** Porto Alegre: Zouk, 2006

SCOTT, Joan. “ **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica.**” Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990

_____. Joan. **O problema de da invisibilidade.** In. ESCANDÓN, C.R. (Org.) Gênero e História. México: Instituto Mora/UAM, 1989.

_____. Joan. **História das mulheres.** In. BURKE, Peter.(Org.) A Escrita da História: Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp. 1992.

TEIXEIRA, Adla BM; **Magistério do gênero:** impactos da vida de discentes e docentes; MACHADO, CJS., SANTIAGO, IMFL., and NUNES, MLS., orgs. Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2010. 256 p. ISBN 978-85-7879-038-7. Available from SciELOBooks <<http://books.scielo.org>>p. 38. Acesso em: 21 de maio de 2017.

TEDESCHI, Losandro A. . **Leituras de Gênero e interculturalidade;** 1. ed. Dourados - Mato grosso do Sul: EDUFGD, 2013. v. 500. 544

VASCONCELLOS, Celso. S. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula.** 8. ed. São Paulo: Libertad, 2007.

VIANNA, Claudia. P.; UNBEHAUM, Sandra. **O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil:** 1988-2002. Cad. Pesq., São Paulo , v. 34, n. 121, p. 77-104, Apr.2004 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742004000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso 8 Junho 2017.

YOZO, Ronaldo Yudi K. **100 jogos para grupos:** uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas. São Paulo: Ágora, 1996.

ZENHAS, Armanda. **Estereótipos de gênero.** 2007. Disponível em: www.educare.pt. Acesso em 15 de Junho de 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de assentimento do menor

Título do projeto: Relações de gênero em foco: com a palavra os alunos do quarto ano do ensino fundamental.

Pesquisador responsável: Driéle Luize Souza da Silva

Instituição: Universidade Federal do Pampa – Unipampa

Telefone celular do pesquisador para contato: (53)984043156

Prezada aluna, você está sendo convidada para participar, como voluntária, de um estudo que tem como objetivo problematizar as relações de gênero a partir das narrativas dos(as) alunos(as), procurando compreender se discurso presentes na música influenciam no cotidiano dos alunos e suas relações sociais. Este estudo está associado às atividades do Mestrado Profissional em Educação que será desenvolvido pela mestrandia Driéle Luize Souza da Silva pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa), sob a orientação de sua professora Dr. Juliana Machado. A direção de sua escola está ciente e permitiu a realização da pesquisa. A realização do estudo é importante para divulgar e incentivar a abordar questões de gênero e seus entrelaçamentos na sala de aula e para auxiliar e disponibilizar experiências sobre esta prática para que outros professores possam inserir esta temática como um de seus conteúdos durante as aulas. Todas as informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para a realização da pesquisa.

Caso aceite participar, ao final das atividades de pesquisa da mestrandia DriéleLuize Souza da Silva, seu nome, assim como de suas colegas que também participarem do estudo, não será identificado em nenhum momento, sendo garantido o sigilo. O material coletado ficará disponível para sua consulta e de seus pais ou responsáveis em qualquer momento, sendo guardado sob a responsabilidade dos pesquisadores. A participação na pesquisa não acarretará em nenhum custo financeiro a você ou aos seus pais ou responsáveis. Também não haverá nenhum tipo de compensação financeira relacionada à sua participação. Caso haja qualquer despesa adicional ela será de responsabilidade dos pesquisadores. Havendo qualquer dúvida você ou seus pais ou responsáveis poderão realizar uma ligação a cobrar para a mestrandia DriéleLuize Souza da Silva (53) 984043156. Este termo será redigido em duas vias, ficando uma cópia com você e outra com o pesquisador. Após a finalização do

estudo os pesquisadores entregarão para todas as alunas que participaram das aulas da pesquisadora mestranda Driéle Luize Souza da Silva, um relatório sobre os principais resultados do estudo. Além disto, também será entregue um relatório à direção de sua escola contendo as principais informações do estudo. Estas informações poderão auxiliar no planejamento, execução, acompanhamento e avaliação de outras aulas de. Além disto, a pesquisadora ficará a disposição para o esclarecimento de eventuais dúvidas.

Caso você, mesmo com o consentimento seus pais ou responsáveis, se recuse a participar do estudo ou de uma parte dele, sua vontade será respeitada.

Diante do que foi exposto, solicito que você participe da pesquisa: “ Relações de gênero em foco: com a palavra os alunos do quarto ano do ensino fundamental”.

Nome completo do(a) aluno(a): _____

Assinatura do(a) aluno: _____

Nome do pesquisador responsável: _____

Assinatura do pesquisador responsável: _____

Jaguarão, ___ de _____ de 2017.

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido

Título do projeto: Relações de gênero em foco: com a palavra alunas/os da/o quarto ano do ensino fundamental

Pesquisador responsável: Driéle Luize Souza da Silva

Pesquisadores participantes: Juliana Brandão Machado e Driéle Luize Souza da Silva

Instituição: Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA

Telefone celular do pesquisador para contato: (53) 84043156 ou email-drile_rig@hotmail.com

Prezado(a) responsável:

Esta pesquisa é desenvolvida no Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA – Câmpus Jaguarão, na linha de pesquisa “LP1: Gestão das práticas docentes na diversidade cultural e territorial”. A relevância dessa pesquisa justifica-se por dois motivos principais: o primeiro foi perceber nas falas dos alunos uma problemática que podia ser melhor explorada, como por exemplo, “isso é coisa de menino”, “isso é coisa de bichinha”, “mulher não faz isso”, “aquela menina tá rodada já, todo mundo fica com ela”, “as meninas pedem pra tomar tapas, quando vem com short curto”, “homem não chora”, “quando crescer quero ter uma família legal, eu vou trabalhar e minha mulher vai ficar cuidando da casa, pois isso é coisa de mulher né professora”, “meu pai não faz nada em casa só eu e minha mãe”. O segundo motivo que justifica este estudo provém de minha percepção sobre a necessidade que os alunos tem de falar, contar suas histórias e experiências de vida.

Ao delimitar o meu campo de estudo deste projeto sigo como base teórica os autores como Joan Scott, Judith Butler e Mirim Grossi, Guacira Louro, Paula Ribeiro dentre outros. Dialogar com essas autoras, me permite compreender as relações de gênero como uma construção política, histórica, social e cultural abrindo um leque de entendimento que não se restringe somente ao biológico o que me permite refletir na importância de trabalhar as relações de gênero na escola partindo dessa compreensão. Por meio deste documento e a qualquer tempo, o (a) senhor (a) poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo, tanto pessoalmente como por telefone, utilizando o número indicado pelo pesquisador, inclusive com ligações a cobrar. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer nenhum tipo de penalidade ou prejuízo.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de permitir que seu (sua) filho (a) faça parte do estudo, assine, ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pela pesquisadora responsável.

A proposta de trabalho consiste na organização de 7(sete) encontros, que ocorrerão quinzenalmente, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro Carlos Peixoto Primo com duração de 60 (sessenta) minutos cada um, com a presença da pesquisadora e dos alunos convidados (sujeitos participantes), os quais deverão executar as tarefas propostas pela professora pesquisadora que envolve diferentes recursos como musica, filme, vídeos, entre outros e a escrita de seu entendimento. A pesquisa exigirá a presença dos participantes durante todos os encontros e o desenvolvimento das atividades propostas.

Para participar deste estudo, seu (sua) filho (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.

O nome e a identidade de seu (sua) filho (a) serão mantidos em sigilo e os dados da pesquisa serão armazenados pela pesquisadora responsável, observando as questões éticas que envolvem a pesquisa. Os resultados poderão ser divulgados em publicações científicas, revistas, periódicos, sites ou outra forma de divulgação.

Os resultados do referido projeto de intervenção, em seus diferentes aspectos, serão disponibilizados no relatório crítico reflexivo e aos responsáveis pelos alunos (as), professora da turma e equipe diretiva da escola.

CIENTE E DE ACORDO

Participante da Pesquisa

Responsável pelo Participante da Pesquisa

Driéle Luize Souza da Silva (Pesquisadora)
Jaguarão, ____ de _____ de 2017.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Unipampa - Campus Jaguarão Endereço: Secretaria do PPGEdu, sala 511; Rua Conselheiro Diana, n.650 – Bairro Kennedy – Jaguarão/RS